

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LABORATÓRIO DE CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL – LACLIFE

**A “CEGONHA TECNOLÓGICA” NO CAMINHO DO PROJETO PARENTAL:
DIALOGANDO COM A EXPERIÊNCIA DE HOMENS (IN)FÉRTEIS**

ELLEN FERNANDA GOMES DA SILVA

RECIFE, 2013

ELLEN FERNANDA GOMES DA SILVA

**A “CEGONHA TECNOLÓGICA” NO CAMINHO DO PROJETO PARENTAL:
DIALOGANDO COM A EXPERIÊNCIA DE HOMENS (IN)FÉRTEIS**

**Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Psicologia Clínica, linha de Práticas
Psicológicas em Instituições da Universidade
Católica de Pernambuco, como requisito da
obtenção do título de Mestre em Psicologia
Clínica.**

ORIENTADORA: DRA. CARMEM LÚCIA B. T. BARRETO

RECIFE, 2013

S586c

Silva, Ellen Fernanda Gomes da

A "cegonha tecnológica" no caminho do projeto parental : dialogando com a experiência de homens (in)férteis / Ellen Fernanda Gomes da Silva ; orientador Carmem Lúcia B. T. Barreto, 2013.

85 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria Acadêmica. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, 2013.

1. Fenomenologia existencial. 2. Infecundidade masculina - Aspectos psicológicos. 3. Masculinidade - Aspectos psicológicos. I. Título.

CDU 159.9

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LABORATÓRIO DE CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL – LACLIFE

ELLEN FERNANDA GOMES DA SILVA

**A “CEGONHA TECNOLÓGICA” NO CAMINHO DO PROJETO PARENTAL:
DIALOGANDO COM A EXPERIÊNCIA DE HOMENS (IN)FÉRTES**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Heloisa Szymanski
Examinador Externo – PUC/SP

Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas
Examinador Interno – UNICAP

Prof. Dra. Carmem Barreto
Orientadora – UNICAP

RECIFE, 2013

AGRADECIMENTOS

A Deus,

que faz do (in)fértil pai de filhos. Obrigada pelas bênção sem par.

Aos meus pais,

pelo investimento na minha formação acadêmica e, principalmente, pelos valores imensuráveis e exemplos de vida.

A minha família, minha primeira rede,

por me ensinar a coexistir.

A Relri,

por estar de mãos dadas comigo. Sua presença enche o meu mundo de afeto.

Aos amigos,

pelo entrelaçamento das histórias, pelas orações, torcida e por inspirar muitos dos passos.

A Carmem,

tal qual uma parteira velou o meu desabrochar. Obrigada pela fusão de horizontes e acompanhamento e questionamentos durante o curso do mestrado.

A Suely,

pelas sugestões, incentivos e por “batizar” comigo este trabalho. Pessoa com quem há muito tenho a honra de caminhar.

A Isabela e Tawanne,

por compartilharem seu colchão comigo e pelo acolhimento na capital pernambucana.

Aos colaboradores,

os quais narraram suas experiências de investimento no projeto parental.

Ao IMIP

pela disponibilização do cenário da Reprodução Humana Assistida.

Aos integrantes do LACLIFE,

por ampliar meu horizonte a respeito da Fenomenologia Existencial. Temos muito trabalho pela frente!

A Dr. Marcus Tulio e Dra. Heloisa Szymanski,

pela revisão cuidadosa e contribuições no desfecho deste trabalho.

Aos mestres que encontrei durante a semeadura,

os quais foram inspiração para aprender a aprender.

A Fundação de Amparo à Ciência de Pernambuco (FACEPE),

pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

A todos aqueles que me incentivaram, perguntando: “Como está o mestrado?”

RESUMO

Silva, E. F. G. da (2013). A “cegonha tecnológica” no caminho do projeto parental: dialogando com a experiência de homens (in)férteis. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

A presente pesquisa teve como objetivo geral compreender a experiência de homens que vivenciam a infertilidade. E, especificamente, enfocou interpretações da masculinidade e infertilidade, contextualizando-as na contemporaneidade; apresentou a perspectiva fenomenológica existencial como possibilidade para tematizar o fenômeno do corpo enquanto expressão da existência; bem como descreveu e compreendeu a experiência de homens, na condição de inférteis, os quais procuram o serviço de Reprodução Humana Assistida do Instituto de Medicina Integral de Pernambuco – IMIP. De natureza qualitativa, esta investigação está afinada à perspectiva fenomenológica hermenêutica, privilegiando a compreensão interpretativa fundada na Hermenêutica Filosófica de Gadamer, vinculada às compreensões ontológicas heideggerianas. Para acesso à experiência foi escolhida a narrativa, colhida tanto dos colaboradores, quanto dos registros feitos no “diário de bordo” da pesquisadora, a partir da sua inserção no *locus* da pesquisa. Os relatos dos colaboradores apontaram para dificuldades vividas durante a tentativa de métodos de Reprodução Assistida, as quais levaram a experiências de desconforto, bem como de desesperança frente a burocracia e morosidade dos serviços. Aproximando-se desta via compreensiva, a possibilidade de procriação “artificial” foi revelada com certa estranheza, ressaltando a supervalorização da parentalidade biológica. Em tal cenário, os interlocutores narraram sua vivência frente aos procedimentos técnicos/médicos, desvelando de um lado a utilidade da técnica no projeto parental e, de outro, o seu domínio na hegemonia do discurso científico, bem como na compreensão do corpo masculino como matéria-prima a ser explorada e aperfeiçoada.

Palavras-chave: Fenomenologia Existencial; Infertilidade; Masculinidades; Parentalidade; Técnica.

ABSTRACT

Silva, E. F. G. da (2013). The “technological stork” in parental project: dialoging with the experience of (in)fertile men. Clinical Psychology Master Thesis, Catholic University of Pernambuco.

The present research had the aim to understand the experience of infertile men. Specifically, it focused on masculinity and infertility interpretations, contextualizing them in contemporaneity; it also presented an existential phenomenological perspective as a possibility to thematize the body phenomenon as an expression of existence; as well as it described and understood the experience of infertile men who searched for the Assisted Human Reproduction service from the Institute of Integral Medicine of Pernambuco – IMIP. This investigation is of qualitative nature, linked to the hermeneutic phenomenological perspective that privileges Gadamer’s Philosophical Hermeneutic and Heideggerian ontological comprehensions. Narratives from collaborators and from the researcher’s “field journal” were used in order to access such experience. Collaborators’ reports pointed to difficulties during the attempt for Assisted Reproduction methods, which led to uncomfortable experiences, as well as a lack of hope face to the services’ bureaucracy and slowness. The possibility of “artificial” procreation was revealed with certain awkwardness, with highlights to the over-valorization of biological parenthood. In such scenario, interlocutors narrated what they have lived regarding technical/medical procedures, unveiling, on one side, the utility of the technique for the parental project and, on the other side, the domain of scientific discourse, as well as the comprehension of men’s bodies as raw material to be explored and improved.

Keywords: Existential Phenomenology; Infertility; Masculinities; Parenthood; Technique.

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS...	9
I – DO UNIVERSO AO RECORTE: ORIGEM E CONTEXTO DA QUESTÃO DE PESQUISA.....	15
1.1 – O contemporâneo e a Técnica Moderna	15
1.2 – Masculinidades e modos de ser-homem	20
1.3 – A saúde do homem e a condição de infertilidade	24
II – TRANSITANDO EM MEIO A POSSIBILIDADES DE COMPREENSÃO DA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA DA PESQUISA E DA EXPERIÊNCIA QUE SE BUSCA CONHECER	31
2.1 – Husserl e a Fenomenologia	31
2.2 – Fenomenologia Existencial Heideggeriana	35
2.3 – Corpo: morada ao aberto da existência	41
2.3.1 – O Corpo e a Ciência Moderna na Reprodução Assistida	46
III – OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	49
3.1 – Narrativa como modo de conhecer.....	50
3.2 – A hermenêutica filosófica gadameriana como possibilidade compreensiva das narrativas	51
3.3 – Caracterizando o cenário e os participantes da pesquisa	53
3.4 – Des-cobrir a experiência: a infertilidade masculina	56
IV – POSSIBILIDADES COMPREENSIVAS ... ENCAMINHANDO QUESTÕES	76
REFERÊNCIAS	81

PRIMEIRAS PALAVRAS...

“Tenho um arrepio de medo. Ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim. Tenho é que me copiar como uma delicadeza de uma borboleta branca”.

(Clarice Lispector)

Eis que a semeadora saiu para semear....

A semeadura demandou um tempo de investimento, tal qual o agricultor que, comumente, antes de semear um campo, prepara o terreno. Esse modo de fazer apresenta aproximações com a forma que apreendi a minha experiência: foram escolhas, preparativos, bagagem, destino indicado, caminho, o qual, ninguém podia trilhar por mim. Na vivência me apropriei da dificuldade de semear, foi necessário deixar o meu ninho, a vizinhança do parentesco, questionar alguns hábitos, aprender outros ritmos, bifurcar direções; visitando alguns pontos e fazendo alguns pousos, por vezes, encontrei resistência minhas e de outros, as quais me “arrancaram” lágrimas. Mas eu, na condição de semeadora, fui perseverante, pois tinha convicção do sentido que aquela escolha faria para mim.

Na parábola escrita no Evangelho de Lucas (8:4-15), encontrei um fecundo horizonte para refletir sobre a semeadura. A narrativa explana que, em um primeiro momento, o semeador lançou a semente à beira do caminho, no chão batido e sem umidade. Nessa ocasião, a semente não penetrou na terra e por isso, as aves dos céus vieram e comeram-na. O semeador lançou também a semente no terreno pedregoso e essa até nasceu, mas por falta de umidade, logo secou. De igual modo, semeou entre os espinheiros e a semente ao nascer foi sufocada, não produzindo frutos. Somente a semente caída na boa terra frutificou.

Na tentativa de ampliar essa discussão e me implicar nela, invisto na ideia do humano (húmus) ser essa terra fértil acolhedora à semente caída, a qual se desenvolve segundo as possibilidades a ela apropriadas. O homem é esse lugar onde o possível se faz real. Ele é aquele cujo cuidado tece a trama, reunindo o futuro, passado e presente, juntando tudo, seja o sonho, seja a realidade revelada – a semente caída.

A ressonância das palavras aqui registradas, narram o tom afetivo da minha experiência, desvelam a compreensão da semente como poder-ser, uma promessa de alguma coisa que não é mas, pode ser quando encontrar a terra fértil. Quais as repercussões desse encontro? Brotará apenas uma folhinha? Ou uma árvore daquelas gigantescas e milenares?

Não sei! Quero ressaltar o crédito ofertado a possibilidade de ser terra fértil, viva, disponível para receber sementes, e delas, se possível, fazer brotar flores, frutos.

Importa mencionar que a semeadura me envolveu num sentimento de busca e dedicação a um determinado fenômeno: a experiência de homens na condição de inférteis. Essa solicitação me impulsionou a escrever alguns capítulos, os quais objetivam situar, orientar e fundamentar esta questão alvo do meu empenho. Contrariando o paradigma vigente nos empreendimentos de pesquisa, o qual almeja apreender, definir, aprisionar e saturar (se é que há possibilidade), além de descrever e embasar teórica e metodologicamente minhas reflexões, busquei problematizar um tema que me provocou curiosidade, me instigou a procurar recursos para semear e, sobretudo, estar presente no fio condutor desta pesquisa.

Adotando e assumindo essa postura, abre-se ao presente estudo o caráter de existência, indo além de um produto teórico, o qual abarca uma junção de palavras e argumentos bem fundamentados. Trata-se de um projeto autoral atravessado por afetos, cuidado, crescimento, encontros e desencontros. Destaco que esse é um modo possível de compreender e realizar pesquisa de cunho fenomenológico existencial.

Nesse espaço introdutório da dissertação, pretendo narrar o caminho trilhado para a realização desse trabalho. Por essa via, inicialmente, apresento como formulei a questão de pesquisa.

Cursava os primeiros períodos de Psicologia quando a temática das masculinidades me foi apresentada em projetos de Iniciação Científica, nos quais fui pesquisadora. Questões de gênero, debates sobre o ser-homem e seus desdobramentos nas diversas facetas sociais passaram a ser, para mim, terreno de inquietação e afetação. Nessas andanças, foi com “afeto con-sentido” que realizei o Trabalho de Conclusão de Curso acerca da experiência de ser pai adotivo.

Atrelado a isso, a minha experiência na Vara da Infância e Juventude, trabalhando junto à demanda de pessoas que iam ao Judiciário em busca da adoção, apontou a questão dessa pesquisa enquanto possibilidade investigativa. Cabe mencionar, em atendimentos a casais que almejavam ser pais, por vezes, os questionava a respeito da motivação que os levavam a buscar por um filho adotivo. Na pluralidade das narrativas, uma singularidade se apresentou: lembro-me da incompreensão de algumas mulheres por não conseguirem engravidar, visto que, após uma bateria de exames, “não foi verificado nada de errado” com as mesmas. Indagadas sobre possíveis dificuldades em seus companheiros, estas afirmavam a respeito da hesitação dos mesmos em procurar um serviço de saúde em busca de uma

esclarecimento. Esse cenário já se revelava como um apontamento para a possível infertilidade de tais homens.

Ao escutar os referidos homens, não raras vezes, salientaram: “eu só estou aqui porque a minha mulher não pode ter filhos”. Percebendo nessa ênfase a culpabilização feminina pela ausência de um filho, certa vez, uma cena marcou minha experiência, e, com o tempo, seu sentido foi se tornando mais claro. Em seu depoimento, determinado homem, de modo impessoal, expôs: “estou aqui porque NÓS não podemos ter filhos”. Inquieta com a referida narrativa, perguntei: “QUEM não pode gerar filhos?”. Possivelmente, o confronto de tal intervenção favoreceu o choro copioso desse homem, abrindo caminho para narrar, dolorosamente, sua experiência de estar infértil, a qual tornou-se um empecilho para o alcance do seu sonho parental. Nesta ocasião, compreendi que algo se dava para ser investigado e eu estava aberta para acolhê-lo.

Na continuidade desse relato, importa fazer alusão ao horizonte compreensivo, a partir do qual estou falando. Para a aproximação com os pressupostos fenomenológicos existenciais, adotados nessa investigação, foi imprescindível “pular do trampolim”, desvelando outro modo de compreender e estar-no-mundo. Esta experiência, inicialmente vivenciada enquanto graduanda do curso de Psicologia e aprofundada no trânsito do mestrado, me despertou para confrontar alguns pensamentos, inclusive conhecimentos psicológicos, alinhados à racionalidade técnica.

Nos primeiros anos como estudante de Psicologia, pensava ser possível encontrar algo como um “abre-te sésamo” para revelar os tesouros escondidos das pessoas. Aos poucos, fui percebendo que a minha visão restringia e categorizava o horizonte amplo de possibilidades do humano. Convém destacar que essa aventura por terrenos incertos e não muito comuns foi desafiante (foi preciso despir-me e aprender a desaprender), apresentando-se, em alguns momentos, como uma experiência angustiante, ao me lançar frente a minha condição de desamparo.

Nesse atravessamento, o aporte heideggeriano tornou-se, para mim, companheiro indispensável de viagem. Ao ler, escutar e refletir sobre a “Ontologia Fundamental” de Heidegger percebi que esta fazia sentido para mim, principalmente acerca da sua perspectiva pós-metafísica, a qual se baseia na interpretação do ser enquanto condição ontológica do homem, cuja condição consiste em existir temporalmente (inclusive podendo assumir a possibilidade de finitude e mortalidade) e manter-se na abertura, como projeto lançado no mundo.

Por essa via, o presente trabalho de mestrado também teve como referência a Fenomenologia Existencial heideggeriana, em um percurso que o filósofo põe a pensar sobre o ser do homem, em um tempo histórico no qual a expansão planetária da tecnologia aparenta ameaçar tal condição.

No horizonte dessa reflexão torna possível entrever que, o espírito do nosso tempo demonstra o quanto os avanços tecnológicos, nas mais diversas áreas do conhecimento, ganham expansão. Paradoxalmente, algumas questões afligem o humano perpassando as gerações, tais como: os mistérios da origem, do futuro e da morte. Nesse sentido, a (im)possibilidade de concepção também é um tema presente desde os escritos bíblicos e mitológicos, o qual ganha, na atualidade, outras roupagens a partir do surgimento das tecnologias reprodutivas.

Tais considerações me direcionam a pensar sobre o fenômeno do nascimento, o qual diz respeito ao humano, já que todos um dia viemos a existir. O vir-a-ser pode reafirmar o sentido da existência, testemunhando a esperança no porvir. Nessa direção, quando confrontados com a presença da infertilidade, homens e mulheres, comumente são mobilizados a buscar uma solução para a ausência de filhos. Em meio a essa experiência, encontram-se com a proposta biomédica/tecnológica de parentalidade biológica, bem como podem se deparar com situações inusitadas e paradoxais: filas de espera, limitações orgânica, riscos, direitos sexuais e reprodutivos, saber médico, interesses mercadológicos, bioética, legislação, princípios religiosos.

Nesse cenário, convém lembrar que, durante séculos, a infertilidade foi imputada prioritariamente à mulher. Esta era vista como amaldiçoada pelos deuses e, muitas vezes, banida socialmente pela impossibilidade de gerar um filho. Desta feita, o tratamento da infertilidade, assumido pelos ginecologistas, era voltado, exclusivamente, à intervenção no organismo feminino.

Partindo de tal perspectiva, os estudos acerca da infertilidade se concentraram por muito tempo nas mulheres, devido a associação direta das mesmas com a gravidez. Questionando essa tradição, investigações como as de Noca (2011), Silva & Santos (2013) e Torres (2012), vem sendo construídas tendo homens e suas questões de saúde como público-alvo, podendo possibilitar novos modos de pensar às masculinidades. No tocante à infertilidade, vê-se um escasso interesse em estudos e estratégias voltadas a esse público, como apontam Delgado (2007), Ribeiro (2007) e Trindade & Enumo (2001).

Seguindo o fio condutor desta conversação, algumas questões se apresentaram: Como os homens (in)férteis se percebem? Como se colocam no mundo, cuja tradição vigente está

pautada na interligação da sexualidade, virilidade, fertilidade e paternidade? Será que a condição de estar infértil interfere em seus relacionamentos? Quais sentidos dados por tais homens ao projeto parental? E também, a partir de outra dimensão, quais as contribuições que a clínica psicológica na perspectiva fenomenológica existencial pode acrescentar a tal fenômeno?

É nesse contexto que situamos a relevância da presente pesquisa, a qual, através das discussões e linhas de questionamento explanadas, busca publicizar e politizar a experiência daqueles que tem o vivenciamento da infertilidade. Sob esse ângulo, ressalta-se, portanto, a importância de se pesquisar temas relacionados aos homens e às masculinidades, visando colaborar não apenas para ampliação desta compreensão como também para o desenvolvimento de estratégias sob a forma de programas, intervenções e grupos de apoio, elaborados com vistas a alcançar esta população.

Expostas essas considerações, passo à apresentação dos objetivos desta investigação a qual, de um modo geral, compreendeu a experiência de homens que vivenciam a infertilidade. E, especificamente, enfocou interpretações da masculinidade e da infertilidade, contextualizando-as na contemporaneidade; apresentou a perspectiva fenomenológica existencial como possibilidade para tematizar o fenômeno do corpo como expressão da existência; bem como descreveu e compreendeu a experiência de homens, na condição de inférteis, os quais procuram o serviço de Reprodução Humana Assistida do Instituto de Medicina Integral de Pernambuco – IMIP.

Em busca da experiência, foram realizadas entrevistas com alguns homens (in)férteis; bem como registrei as minhas sensações e compreensões em “diário de bordo”, a fim de compor uma cartografia do contexto pesquisado.

Comungando com a enunciação de Critelli (2007, p.37) de que “os procedimentos metodológicos combinam com a noção prévia do ser e dela são derivados”, pela via da narrativa, escolhi não a falação (“falar por falar”), trazendo somente o já interpretado e comum; mas almejei noticiar a experiência através da articulação copertencente entre as minhas compreensões e afetações, dando a ver sentidos. Desse modo, fui confrontada a não percorrer os caminhos hegemônicos das ciências contemporâneas, os quais, “em vez de salvação, potencializam o perigo, enredando-nos mais profundamente na alienação” (Giacioia, 2013, p.11).

Nessa conversação, posso falar de plurivocalidade, ou seja, da participação de múltiplas vozes. Em outros termos, refiro-me as pessoas, nomeadas ou não, as quais se fazem

presentes e são reconhecidas como colaboradoras das reflexões e experiências registradas nesse estudo.

Por fim, menciono que esta dissertação está organizada em quatro capítulos, os quais foram construídos de modo a facilitar o processo de compreensão da pesquisa, atentando, cada um, a discutir temáticas específicas.

No primeiro, traço um contexto do contemporâneo, enfocando as masculinidades, a saúde do homem e a condição da infertilidade. No segundo capítulo, contextualizo, brevemente, os pensamentos filosóficos de Husserl e Heidegger, visando tematizar uma compreensão sobre o corpo enquanto fenômeno. No terceiro, delineei o percurso trilhado na presente pesquisa, destacando sua natureza e método utilizado para pôr a interrogação em ação. Esse tópico também contempla a narrativa escrita, a qual desvela o meu testemunho, nele são expostas algumas reflexões realizadas a partir do meu encontro com as narrativas dos colaboradores. Ao final, teço algumas considerações, a partir de compreensões sobre as experiências narradas na pesquisa, bem como aponto alguns questionamentos e proponho a realização de um serviço de Psicologia voltado para atender a demanda de homens que vivenciam a infertilidade.

I – DO UNIVERSO AO RECORTE: ORIGEM E CONTEXTO DA QUESTÃO DE PESQUISA

1.1 – O contemporâneo e a Técnica Moderna

A posição sustentada por uma longa tradição afirma que determinada pessoa é contemporânea quando está adequada às pretensões e ideais do tempo no qual foi dada a viver. A indicação citada por Agamben (2009) segue na contramão de tal posicionamento, ao narrar: “a contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (p. 59).

Continuando nessa linha de pensamento, contemporâneo se refere ao homem que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber a obscuridade e não as luzes. O escuro não se refere apenas a simples ausência de luminosidade; equivale a neutralizar as luzes provenientes da época para descobrir as íntimas trevas, as quais são inseparáveis daquelas luzes. Assim, ser contemporâneo é perceber no escuro uma luz que, dirigida a nós, simultaneamente, distancia-se infinitamente.

Agamben (2009) assinala a moda como um exemplo esclarecedor desta temática. Segundo ele, a temporalidade da moda tem um caráter inapreensível: quando pronunciamos que estamos na moda o estilista concebe o traço definitivo do “agora” e do “ultrapassado” das vestes. Essa perspectiva reflete o caráter episódico, fragmentado da existência atual. Num mundo assim, os modos de ser podem ser adotados e, simultaneamente, descartados como uma mudança de costume.

A contemporaneidade também se inscreve no presente com as assinaturas do arcaico, liga-se a esse tempo sem estar fixado nele e o modifica em uma intersecção de tempo múltiplos: “é como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse facho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora” (Agamben, 2009, p. 72). A divisão do presente em “não mais” e “ainda não” aponta para irrupção do passado e do futuro, do fluxo contínuo e simultâneo entre vida e morte.

Trazendo tais reflexões para o campo da existência humana, encontra-se a compreensão laica de contemporaneidade marcada pelo privilégio da individualidade em detrimento das relações de alteridade. Nesse contexto, os relacionamentos seguem a lógica do prazer contínuo e da diversão, sendo o outro descartado, ao surgir algum impasse ou ameaça

de sofrimento. Estão marcados pelo tempo da vivência, considerado por Benjamin (1984) como o tempo do presente a requisitar uma reação, levando o homem de uma experiência a outra, não se deixando penetrar pelos acontecimentos. O tempo da vivência, considerado pelo autor citado, como infernal, levaria o homem a nunca terminar seus projetos, estando sempre a começar de novo e do princípio. A ideia reguladora desse tempo é a do jogo, no qual a cada partida todas as anteriores são anuladas, representando, desta forma, o tempo do trabalho operário nas linhas de montagem.

Caminhando também pela Sociologia, na tentativa de compreender o nosso tempo, recorremos a Bauman (2011) ao ajudar a pensar algumas formas de integração humana, quais sejam: *móveis*, àquelas da rua movimentada ou do Shopping Center, de proximidade momentânea e separação instantânea; as *estacionárias* unem diversos estranhos num vagão de trem, os quais sabem que provavelmente não se encontrarão novamente; as *moderadas* configuram uma matriz de encontros normalmente regrados, estritos e breves; já as *manifestas*, são de uma marcha de protesto cuja finalidade é junção com um grande grupo.

Em outros termos, Bauman (2011) sinaliza que, a despeito dos modos, os encontros comumente são fragmentados e episódicos, como se fossem uma entidade encerrada em si mesma, despida de uma história passada e um futuro. Nesse ínterim, “tendem a ser inconsequentes no sentido de não deixar um legado durável de direitos e/ou obrigações mútuos em seu rastro” (p. 75). Partindo da suposição da agilidade do “jogo da vida”, bem como da mutabilidade de suas “regras”, a durabilidade das relações não é algo comum, não investindo no comprometimento. O andarilho, movido pelo pavor de estar preso ou fixo, oferece a metáfora para a estratégia atual; ele vive na companhia de superfícies, um nato colecionador de prazeres e sensações.

No enfoque acerca da contemporaneidade, Santos (2008) menciona outro aspecto merecedor de ênfase: o corpo. No debate desse trabalho o corpo aparece como questão contemporânea pois, ao tornar-se alvo de mecanismos de controle e apropriação médica, é tomado como pauta nas discussões políticas e éticas na tentativa de não objetificá-lo. Pode-se entrever, na temporalidade do presente, inúmeros investimentos no ensejo de construir um corpo esteticamente perfeito. Essa perspectiva é alimentada pelo capitalismo, o qual abre alas à “indústria do corpo”, objetivando esculpi-lo conforme seu padrão.

A ideologia do consumo expandiu seus tentáculos e alcançou a Medicina Reprodutiva, a qual pode favorecer a despersonalização do corpo, ou seja, apadrinhar os “corpos sem pessoa” os quais, nessa condição de objetificação, facilitam sua comercialização. Essa reflexão é incitada por Ramírez-Gálvez (2003) quando, de modo contundente, faz uma

associação entre as tecnologias reprodutivas e a mercantilização, ao comentar que, com linguagem comercial, tais procedimentos tecnológicos vendem não mercadorias, mas sonhos e desejos por um alto valor econômico.

Um procedimento comumente utilizado no campo das tecnologias reprodutivas é a “doação compartilhada de gametas”, cuja política está centrada no financiamento do tratamento de casais com poucos recursos financeiros, em troca do fornecimento de óvulos para pessoas que não conseguem produzi-los. Esse tipo de “compartilhamento” é criticado pelos defensores da ideia de doação gratuita, estabelecida pelo Conselho Federal de Medicina (Ramírez-Gálvez, 2003).

Uma contribuição significativa para refletir tal situação é apontada por Gadamer (2011), ao expor a inserção das esferas científicas na vida das pessoas. É sabido o inegável valor das informações de cunho científico, todavia com a institucionalização da ciência, não é surpreendente dizer que a saúde torna-se objeto da aplicação desse conhecimento. Gadamer rejeita a visão técnico-científica do médico enquanto tecnólogo do corpo, o qual compreende o paciente como ignorante diante da infinita gama de procedimentos medicamentosos e técnicos. Tais apontamentos possibilitam interrogar a técnica mecanizada, a qual pode restringir a existência humana à predominância da razão tecnológica.

O diálogo com o pensamento de Heidegger, nesse contexto, pode contribuir para o questionamento dos humanismos tradicionais e voltar a colocar o problema filosófico que, segundo Giacoia (2013), nos concerne: “o que estamos fazendo de nós mesmos, em um tempo em que só as mutações são permanentes” (p.13). Nessa direção, Giacoia alerta a urgência de pensar com Heidegger para interrogar o delírio de onipotência da Modernidade, bem como a escalada compulsiva da técnica instrumental, a qual pode nos impelir para uma expansão planetária da tecnologia em um tempo histórico arriscado à existência do humano.

Sob esse ângulo, Duarte (2010) aponta a importância do modo de pensar de Heidegger para favorecer a crítica à razão instrumental, ao afirmar que o mesmo buscou desconstruir as pretensões absolutistas da ciência moderna. Uma das consequências desse procedimento desconstrutivo foi a perda, por parte das ciências, de sua exclusividade, bem como da força sobre o existir humano. A partir de uma perspectiva não metafísica, Heidegger enfatizou os riscos do procedimento de objetivação intrínseco às ciências, ressaltando a possibilidade de levar à transformação da Terra em um lugar inabitável e a própria destruição do ser-homem.

Seguindo os caminhos de Heidegger, é preciso “despertar” do modo de pensar enraizado na razão instrumental, o qual potencializa o perigo de cairmos nas malhas do tecido tecnológico e pode tornar dependentes de si às diversas formas de organização social,

culminando numa tradição marcada pelo uso, controle e ofuscamento pelas luzes da Modernidade.

Na dimensão propriamente humana podemos refletir, com Heidegger (2012), como o modo usual do homem existir apresenta-se atrelado aos esquemas da “grande massa”, caracterizando o mundo do “se”, do “a gente”, do falatório curioso, porém não revelador da compreensão e apropriação da experiência. Cada vez mais o homem vive o tempo da vivência, não elaborando suas experiências, dimensão que poderia encaminha-lo para outro modo de existir – apropriando-se e relacionando-se há a possibilidade de retirar-se do anonimato do “se”.

Nessa linha de reflexão, o pensar não está separado do agir, ele age enquanto se exerce como pensar. Tal compreensão exclui a possibilidade de uma ação decorrente da aplicação do pensamento e aponta para um pensar e um agir em sentido elevado, implicado não na separação da ação pela transposição de formas de aplicação. Em tal perspectiva, o pensar é ele próprio ético, no sentido não prescritivo de modo de ser (Giacchia, 2013).

Ao lado dessas reflexões, chama atenção a proposta de Gadamer (2011) o qual, comungando das tradições heideggerianas, explana a falta de exercício do juízo em meio a submissão do homem às leis da técnica. Nesse sentido, é cabível refletir a respeito da ameaça às condições de vida representada pelo avanço técnico, do qual desfrutamos.

O exemplo da especialização expõe, com peculiar clareza, uma das inevitáveis consequências das organizações técnicas na contemporaneidade. O “conhecer separado” restringe o horizonte compreensivo do especialista à situação de seu campo de estudo, pondo-se a executar/dominar, com maestria e poder, sua arte. Esta mentalidade corrente, segundo Vattimo (1996), converte-se no único conhecimento adequado e apresenta o ser “inteiramente reduzido a pertencer a um sistema instrumental de que, por definição, o homem dispõe por inteiro” (p.93). Tal realidade contribui para o esquecimento do ser e demarca a necessidade de posicionamento crítico diante dos saberes engendrados pela técnica, os quais mostram-se insuficientes para acolher e acompanhar o destino do homem na atualidade.

Continuando no intuito de compreender o momento contemporâneo, mais uma vez recorremos a Heidegger, especificamente, ao modo como compreendeu o espírito do seu tempo ao distanciar-se dos holofotes e receber em pleno rosto o facho das trevas. O seu caminhar apresenta algumas linhas de força. Os escritos da primeira fase, considerada como “Fenomenologia Ontológica da Existência”, volta-se para a superação da metafísica na busca de “destruir” as categorias e pressupostos originais. Encaminha esta tarefa em “*Ser e tempo*”

(2012), retomando sempre a pergunta pelo sentido do ser, chegando a oferecer subsídios para o desenvolvimento de uma ética da finitude.

Em um segundo momento, denominado por alguns autores de “Heidegger tardio”, busca-se a história da verdade do ser, refletindo sobre a essência da técnica moderna. Nessa linha de força, busca-se resgatar “o esquecimento do sentido do ser” operado pela história da metafísica, ao refletir o ser do ente na sua totalidade.

Atravessado por esses dois momentos de reflexão, o pensamento de Heidegger contribui para pensar o mundo atual, com suas crises e dilemas, bem como oferece caminhos para vislumbrar um futuro problemático, marcado pela técnica e desenraizamento do homem contemporâneo.

Visando desenvolver as discussões propostas como objetivo de estudo do presente capítulo, serão tecidas algumas rápidas considerações sobre o “Heidegger tardio”, com vistas a ajudar a retomar a pergunta sobre o sentido do ser.

Essa atitude possibilitou o desprendimento do modo metafísico vigente de pensar e o levou a interpretar o tempo como possível horizonte para toda e qualquer compreensão do ser. Para Barreto (2013, p.41), “tal mudança paradigmática só é possível orientando os passos do pensamento em direção ao caminho que conduza a superação da metafísica [...] não como simples projeto de nossa vontade consciente, já que se trata de um ‘destino’ aqui compreendido como aquilo que o âmbito da verdade do ser nos dispensa”.

Caminhando na trilha do pensamento aberto por Heidegger, chega-se ao fenômeno da técnica, na tentativa de refletir sobre suas consequências no momento atual. Tal reflexão é realizada ciente de que não era proposta de Heidegger investir contra a técnica, mas apontar para a falta de reflexão crítica a seu respeito e aos usos decorrentes.

Inicialmente, importa situar a técnica enquanto foco da crítica presente no pensamento heideggeriano, a qual expressa um modo-de-ser característico da ocidentalidade. É, pois, uma orientação de conduta aplicada a cada gesto e em relação a tudo (Critelli, 2002). Diferentemente da técnica grega proveniente da palavra *techné*, vista como um fazer artesanal, a técnica moderna não se constitui como desvelamento, mas sim provocação. Nessa perspectiva, toda a natureza é posta como fundo de reserva a ser explorado, armazenado, transformado e distribuído. O próprio homem é visto como algo a ser disposto, possível de ser calculado.

Heidegger nos convida a “superação da nossa atitude oscilante entre o louvor das maravilhas da moderna tecnologia e o temor do desastre tecnológico mais sombrio” (Duarte, 2010, p.122). Ao pensar a técnica essencialmente sem se deixar contagiar pelos benefícios ou

malefícios da mesma, Heidegger julgou ser necessário abandonar as mistificações midiáticas que nos envolvem e ameaçam a nossa existência.

Os sinais dos tempos revelam a inclinação técnica de tentar definir, dominar o mundo e todas as coisas que nele se apresentam, inclusive o homem. Está em Aristóteles e Platão o princípio desta empreitada, quando os mesmos buscaram demarcar precisamente o existente e, posteriormente, tal intento se alastrou para o agir humano. Esta delimitação do ser, na medida da razão calculadora, foi reafirmada e ampliada na Idade Moderna com Descartes (Critelli, 2002).

Após tal percurso, retoma-se a questão norteadora da pesquisa na forma de algumas indagações: Como, no momento contemporâneo, os homens experienciam a situação de infertilidade? Frente a “Era da Técnica”, como tal experiência pode ser compreendida? De que modo o corpo é atravessado pelas técnicas de Reprodução Assistida? Será que conseguem se apropriar da sua situação e dos procedimentos técnico-científicos a que são submetidos?

Na tentativa de oferecer subsídios para a discussão desenvolvida a seguir, passa-se a apresentar algumas reflexões acerca da condição masculina.

1.2 – Masculinidades e modos de ser-homem

Um homem também chora
Menina morena
Também deseja colo
Palavras amenas

Precisa de carinho
Precisa de ternura
Precisa de um abraço
Da própria candura

Guerreiros são pessoas
Tão fortes, tão frágeis
Guerreiros são meninos
No fundo do peito...

Precisam de um descanso
Precisam de um remanso
Precisam de um sono
Que os tornem refeitos...

É triste ver meu homem
Guerreiro menino
Com a barra de seu tempo
Por sobre seus ombros...

Eu vejo que ele sangra
Eu vejo que ele berra

A dor que tem no peito
Pois ama e ama...
(Gonzaguinha, disco sonoro, 1997)

A canção acima citada apresenta a pluralidade de vozes do “Guerreiro-Menino”, ressoando a tradição da sociedade capitalista e machista de 1980, a qual destinou ao homem um lugar restrito-normativo. Os versos de Gonzaguinha possibilitam um dizer através de sua linguagem poética, acolhendo ao apelo do ser e dando margens para um existir outro do homem, que vive, sente, reage, descansa, carece, sangra, sofre, ama.

A historicidade desta composição abre passagem para a conversação a respeito das masculinidades. Inicialmente importa ressaltar que, após décadas da origem da referida canção, nota-se a correspondência de que homem não chora. Ao mesmo tempo, vê-se que as transformações em curso, na contemporaneidade, indagam o padrão tradicional de masculinidade tido, por muito tempo, como símbolo de dominação ocidental. Assim, partindo de perspectivas pós-estruturalistas do existir humano, novos caminhos do pensar estão abertos para tematizar as masculinidades.

Nessa direção, Borgis (2011) ao analisar como homens contemporâneos vêm lidando com sua masculinidade, comenta que os sentimentos de muitos se encontram “em esconderijos”, devido à conformação aos modelos de comportamento prescritos socialmente. Segundo Nolasco (1993, p.38), “tais valores servem de referência para a delimitação dos contornos de um homem, o qual tem no machismo o parâmetro para se situar diante do mundo”. A partir dessa ótica surge também o mito do homem violento, o qual pode ser reconhecido nos primórdios da Grécia Antiga, cuja figura do herói está intimamente associada ao espírito guerreiro, corajoso e impetuoso. Dando um salto na história e trazendo para um contexto mais próximo da realidade brasileira, Lampião, herói do Sertão nordestino, é o representante do macho bravo, valente e viril.

Ser homem, por muito tempo, ficou limitado as características outrora citadas. No entanto, muitos encontraram caminhos próprios além da restrição submetida pelo patriarcado. De acordo com Maciel Junior (2006) as masculinidades, na contemporaneidade, protestam contra a hegemonia, como é o caso de homens negros e homossexuais, ao buscarem reconhecimento de seus corpos e modos de ser.

Ao lado dessas reflexões, nota-se a promoção midiática de certos ícones de masculinidade, enquanto outros são zombados e subordinados. Partindo dessa perspectiva, é preciso preencher alguns requisitos viáveis, ditados pelos esquemas regulatórios, para estar nos moldes da inteligibilidade cultural. Esse modo de pensar também repercute no campo da

infertilidade, pois, tal condição pode levantar algumas desconfianças quanto a virilidade masculina. A associação infertilidade-impotência ganha maiores conotações em tradições que aferem a potência sexual pela quantidade de filhos gerados.

Na contramão desse pensamento vigente, Maciel Junior (2006) ressalta que existem diferentes modos de se “tornar homem”, interrogando o conceito de masculinidade explicado em termos de herança genética. Tal discussão caminha em direção às masculinidades, em sua pluralidade biográfica e atesta o poder-ser como próprio da existência. Cabe mencionar que esta possibilidade interpretativa será condutora do modo de olhar adotado nas trilhas do presente estudo para compreender a vivência de homens frente à infertilidade.

Continuando nessa linha de reflexão, na atualidade, apresenta-se, conforme salienta Silva e Santos (2013), a co-habitação de velhos caciques – que trazem à atualidade pensamentos e práticas tradicionais de masculinidade, caracterizados por poder, força e virilidade –, ao lado de novos modos de ser homem. Esta “crise”, como nomeia Nolasco (1993), ecoa em transformações ideológicas, econômicas e sociais, assim como pode provocar ressonâncias no mundo laboral, nos arranjos familiares e no modo de estar no mundo. Como exemplo, o modelo vigente de pai, como único provedor moral e financeiro e com raro envolvimento afetivo nos cuidados da prole, está sendo posto em xeque na contemporaneidade.

Na tentativa de prosseguir a explanação acerca das masculinidades, convém apresentar um breve relato da pesquisa realizada por Macêdo (2008), a qual estudou o significado da vivência do paciente em tratamento de câncer de próstata. Segundo os entrevistados, o impacto maior do tratamento está relacionado ao seu lugar de macho na sociedade, interferindo também em sua autoestima.

Dois momentos ressaltados no tratamento do câncer de próstata foram o exame de toque retal e a fisioterapia do assoalho pélvico, os quais são vistos, pelos colaboradores, como incômodos e geradores de sofrimento, pois, segundo eles, agridem sua masculinidade. Essa perspectiva caminha na direção salientada, por Nolasco (1993) ao expor que o estereótipo do macho aponta para a associação do homem com sucessivos absolutos: “nunca chora; tem que ser o melhor; competir sempre; ser forte; jamais se envolver afetivamente e nunca renunciar” (p.40).

No horizonte das reflexões sobre masculinidades importa fazer menção aos estudos de gênero, apontados como um expoente avanço ao fornecerem subsídios para compreender as interações humanas. Segundo discorre Arilha (2010), até a segunda metade do século XX, a concepção de gênero encontrava-se pautada em pressupostos biológicos, inatos;

posteriormente, entre 1960 e 1970, atribui-se gênero a forças sociais e culturais. Com a perspectiva feminista pós-moderna, enfatizou-se gênero não como um produto biológico, mas sim ideológico, atravessado por uma rede complexa de relações de poder influenciadoras de modos de ser, saber e fazer.

Tomadas as devidas ressalvas, na ótica heideggeriana, os *scripts* de gênero podem ser compreendidos enquanto repetição do discurso do mundo – o falatório. Nessa direção, convém ressaltar que o modo de ser-no-mundo do homem pode apresentar-se como estar-aí junto aos outros, interpretando o mundo segundo a opinião comum, projetando-se anonimamente no “se” da mentalidade pública. No mundo do “se”, domina a conversa sem fundamento, a curiosidade e o equívoco, situação condutora de compreensões sem apropriação da experiência vivida.

Desse modo, tendemos a nos ver como possuidores de uma opinião comum partilhada, pautada em simples repetição e sem apropriação originária. Na massificação, as singularidades do ser homem e do ser mulher foram substituídas pelos “outros”, pelas normas publicitárias. Mediante os *scripts* de gênero, o “quem” que os distingue do “a gente” perdeu-se na impessoalidade e reduziu-se ao sinônimo de mera substância, “presença simples e objetivada”, a qual anuncia uma relação de afastamento ou de não-envolvimento com os homens (Heidegger, 1981).

Pensando na uniformidade das formas de ser, Bernardo Soares, heterônimo criado por Fernando Pessoa e autor do Livro do Desassossego, tematizou o desdobramento do Eu em outro nas seguintes palavras:

Tudo se me evapora. A minha vida inteira, as minhas recordações, a minha imaginação e o que contém, a minha personalidade, tudo se me evapora. Continuamente sinto que fui outro, que senti outro, que pensei outro. Aquilo a que assisto é um espetáculo com outro cenário. E aquilo a que assisto sou eu. [...] Meu Deus, meu Deus, a quem assisto? Quantos sou? Quem é eu? O que é este intervalo que há entre mim e mim? (Pessoa 1982, pp. 24-25).

Depois de um breve trajeto, enfocando as questões de gênero, faz-se cabível elucidar que a presente pesquisa não tomará como base tal vertente discursiva, visto ser a experiência o seu foco. Feita essa ressalva, a seguir, as lentes serão dirigidas a problematização do lugar conferido aos homens no campo da saúde para, posteriormente, adentrar especificamente na infertilidade.

1.3 – A saúde do homem e a condição de infertilidade

Os achados de Arilha (2010) salientam que a saúde do homem, historicamente, é ancorada a questões de saúde do trabalhador, ou seja, é pensada relacionada à capacidade produtiva. Por essa via, um homem saudável é a mola propulsora da engrenagem lucrativa do mundo laboral. O adoecimento, portanto, significa um risco, visto a possibilidade de desacelerar o ritmo ou impedir a produção.

A realidade acima citada ressoa no fato da saúde do homem não ter sido motivo de preocupação durante muito tempo. Além disso, a tímida procura dos homens por serviços de saúde pode também ser associada à noção normativa e hegemônica de super-homem, a qual propaga que o homem não deve demonstrar sinais de fraqueza e vulnerabilidade.

Atrelado a isso, é importante mencionar a escassez de serviços voltados a demanda masculina. Tal realidade atesta a premissa de que muitos homens atribuem o cuidado como marca feminina, portanto, não se cuidam e não cuidam de outros. Ao lado desse cenário, assiste-se o crescente incentivo à participação dos homens nas responsabilidades relativas à saúde, de um modo geral (Noca, 2011).

Para tentar refletir sobre a inserção masculina no campo da saúde, serão apresentados alguns eventos de caráter político-acadêmico considerados marco no investimento e visibilidade no estudo a respeito do homem.

A década de 1990 apresentou dois episódios relevantes: a Conferência sobre População e Desenvolvimento realizada no Cairo (1994) e a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, na cidade de Beijing (1995). Ambas ressaltaram a urgência de inserir na pauta política questões sobre os direitos reprodutivos, o exercício da sexualidade e o efetivo envolvimento dos homens com relação à paternidade responsável. Em 2004, foi inaugurado, no México, o I Colóquio Internacional sobre Gênero e Masculinidades. Nesse mesmo ano o Instituto Papai – Programa de Apoio ao Pai –, organização não governamental, localizada na cidade de Recife-PE, passou a propagar campanhas midiáticas cujo foco era uma nova perspectiva em relação à paternidade, entendida como cuidado, desejo e compromisso (Arilha, 2010; Lyra, 2008).

No Brasil, em 2008, via ação governamental, foi implantada a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem – PNAISH – a qual aborda a necessidade de “mobilizar a população masculina brasileira pela luta e garantia do direito social à saúde” (Brasil, 2009, p.16). Assim, compreende-se que o convite dos homens às ações de saúde, bem como o

reconhecimento dos mesmos enquanto sujeitos alvos das políticas públicas em saúde torna-se capital.

Apesar da ampliação das ações voltadas para às masculinidades, Arilha (2010, p.24) narra a existência de um “cenário efetivamente masculino e/ou relacional, cuja problematização e inserção no debate público não é contemplado, ou que não encontra espaço para ser visto”. Nessa direção, é possível perceber a timidez de discussões e recursos em busca de compreender a saúde sexual e reprodutiva do homem, bem como a prover serviços centrados a esta população.

No transcurso dessa discussão, a colaboração de Noca (2011) é oportuna ao apontar a maior frequência de acesso, pelos homens, ao sistema de saúde através da atenção especializada – eles buscam mais hospitais de emergência do que postos de saúde e recorrem menos às consultas periódicas.

Após essas considerações, surgem alguns questionamentos: Os modos de ser masculino construídos socialmente tem reflexos nas maneiras pelas quais os homens lidam com sua própria saúde e cuidam de si e dos outros? Seguindo essa linha de compreensão, os homens trazem à tona, no seu cotidiano, o modelo hegemônico de masculinidade e acabam “reprimindo” questões importantes de saúde em suas necessidades e demandas? A recusa e dificuldade de revelar fraqueza, dor, sofrimento e vulnerabilidade, por parte dos homens, reitera a noção de cuidado associada ao feminino? Ao passo que as “amarras culturais” apontam para o homem como viril e invulnerável, procurar serviços de saúde, preventivamente, poderia associá-lo a fragilidade?

Ainda problematizando o fenômeno da saúde do homem, retoma-se as contribuições de Noca (2011). Refletindo acerca de levantamentos feitos em banco de dados por outros autores, empregando as palavras-chaves, “homem”, “masculinidade”, “masculino”, “saúde do homem”, “saúde masculina”, a autora ressalta que o artigo mais antigo encontrado data de 1998. Dentre as temáticas localizadas, tomaram ênfase: sexualidade masculina – comumente relacionada às infecções sexualmente transmissíveis; masculinidade e reprodução – associada a pouca participação do homem no uso de contraceptivos; masculinidade e poder – focando sobre violência contra a mulher.

A partir da revisão desses estudos, Noca (2011) alerta para a necessidade de pesquisas abordando a saúde do homem por outra perspectiva, a fim de compreendê-la não de um modo hegemônico, ligada a violência, exercício de poder, doenças e morbidade. A autora ainda ressalta que estas concepções podem tornar os homens menos interessados em adotar hábitos preventivos e acessar serviços de saúde.

O fio condutor das compreensões até aqui explanadas apontam que, na contemporaneidade, de acordo com Lyra (2008), os homens estão sendo solicitados a terem um papel de responsabilidade nos cuidados com a saúde sexual e reprodutiva. Esta é considerada elementar para uma vida sexual permeada de informações sobre métodos de planejamento familiar e de fecundidade, a fim de contribuir para qualidade de vida.

Sob tal ótica, falar sobre saúde sexual e reprodutiva não se restringe ao conhecimento a respeito de infecções sexualmente transmissíveis e controle de natalidade; consiste também na necessidade crescente de atenção ampliada, abrangendo a mortalidade materna e neonatal, violência sexual, direito à liberdade e autonomia de seus corpos e luta contra o aborto inseguro. Para inserção de tal proposta nas políticas públicas, tem-se como possibilidades construir estratégias e práticas discursivas, com vistas a interrogar a manutenção do *status quo* cultural e ideológico machista/sexista e afirmar a sexualidade e reprodução enquanto questões de saúde para os homens.

A partir do diálogo entre as temáticas delineadas, esta pesquisa pode ser localizada na interface entre a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem e a Política de Direitos Reprodutivos, ao propor estudar a experiências de homens frente à infertilidade masculina. Diante do panorama acima citado, vê-se a relevância social de examinar essa questão, visto que os homens, “guerreiros-meninos”, não têm sido tão problematizados, no tocante aos cuidados e atenção no âmbito da saúde.

Após esse breve contexto sobre a saúde do homem, a seguir, aprofunda-se a reflexão para abarcar a infertilidade, condição central na pesquisa proposta.

A Associação Americana de Medicina Reprodutiva compreende a infertilidade enquanto a falta de uma gestação após um ano de tentativas sexuais, sem o uso de métodos contraceptivos. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), entre 60 e 80 milhões circulam os números de pessoas (in)férteis. Tal índice mundial coloca a infertilidade como um fenômeno de saúde pública (Lisboa, 2008).

Em seus modos de apresentação, a infertilidade é identificada enquanto primária – fazendo referência a um casal que nunca concebeu, apesar da prática sexual regular sem anticoncepção; e secundária – englobando pessoas que não conseguem, atualmente, gerar filhos, apesar de ter ocorrido gestações anteriores. Além dessa distinção, faz-se oportuno diferenciar infertilidade de esterilidade. Essa última refere-se a um quadro irreversível, o qual impede à concepção, mesmo com tratamentos clínicos (Ribeiro, 2007).

No horizonte de compreensão da infertilidade, nessa investigação não serão utilizadas categorias prévias de causalidade para interpretar o fenômeno. Tal escolha parte do pressuposto de que ficar nesse lugar é cristalizar, restringir a amplitude da condição infértil. Por essa via, será assumida uma atitude de abertura, o que implica numa disposição de acolhimento do inesperado.

Continuando a discussão acerca da infertilidade, para esta condição era dada apenas a opção pela adoção de filhos. Foi, a partir da década de 80, que o campo da Reprodução Humana Assistida – formado por um conjunto de técnicas de tratamento médico visando a fecundação – ganhou expansão, como salienta Ramírez-Gálvez (2003). Posteriormente, diversas técnicas de diferentes graus de complexidade, estão sendo desenvolvidas com vistas a facilitar e/ou possibilitar uma gestação.

No contexto das técnicas conceptivas de Reprodução Assistida estão: a Fertilização Assistida (FA), a Inseminação Artificial (IA), a doação de óvulos e a Fertilização *in vitro* (FIV). Esta última, segundo Lisboa (2008), é a técnica de maior uso mundialmente. Com a utilização desse método, a fertilização ocorre fora do corpo, no laboratório, sob a supervisão de especialistas.

No Brasil, onde se preconiza a universalidade e a equidade como princípios norteadores das ações e serviços de saúde no país, o Ministério da Saúde tem procurado atuar no fenômeno da infertilidade, contudo vê-se a incipiência de tal iniciativa. Duas portarias foram criadas no ano de 2005¹: a n° 426/GM, instituindo a Política Nacional de Atenção Integral em Reprodução Humana Assistida, e a n° 388, regulamentando as providências necessárias para implantar tal Política. Apesar da existência de tais documentos, verificou-se que essas medidas não afiançam o acesso universal aos procedimentos de Reprodução Assistida.

Estima-se entre R\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos reais) e R\$ 30.000,00 (trinta mil reais) os valores dos procedimentos de Reprodução Assistida; apesar do alto custo, não há garantias da efetivação da gestação. É interessante ressaltar que a cidade do Recife é considerada como polo Norte-Nordeste brasileiro, no tocante à Reprodução Assistida, visto o crescente número de clínicas particulares especializadas, assim como a presença do serviço público alocado no Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira – IMIP (Neiva, 2008 *apud* Torres, 2012).

¹Dados encontrados em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/portaria_426_ac.htm e <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2005/PT-388.htm>. Acesso em: 08/01/2013.

No transcurso desse debate, agora será visitado a questão da tecnologia no âmbito da Reprodução Humana Assistida. Sob esse ângulo, cabe fazer alusão para a ocorrência de que a técnica, de um modo geral, vem ocupando, em larga escala, a vida humana. Nesse contexto, é inegável o impacto das técnicas reprodutivas, as quais ingressaram no âmbito familiar e na sexualidade, favorecendo múltiplas possibilidades de gerar um filho biológico. Dialogando com esse fenômeno, um paradoxo emerge: de um lado vê-se a possibilidade de realização de um sonho parental de pessoas biologicamente impossibilitadas de reproduzir, por outro, esse desejo tornou-se um negócio rentável e de aguda ascensão contemporaneamente.

Tal dimensão repercute em indagações desafiadoras nos campos teórico, ético e político, na medida em que não é possível entendê-las como neutras. Torres (2012) levanta um debate pertinente a esse respeito, ao afirmar que a interlocução complexa entre atores humanos e não humanos, pode gerar “novos” ordenamentos sociais. Tais reconfigurações dizem respeito, por exemplo, a procriação sem relação sexual, sendo possível também a utilização de material genético (esperma, óvulo) de terceiros, através de doação ou comercialização.

Nessa direção, os vínculos familiares tornaram-se ambíguos. Trazendo à tona a maternidade, a mulher que gera a criança em seu corpo pode ser diferente tanto da doadora do óvulo fertilizado, quanto da pessoa que irá cuidar da criança. A partir das possibilidades elencadas acima, estaria a cegonha deixando de habitar na ficção e ganhando lugar na realidade contemporânea?

Na tentativa de colaborar com esse campo, a ótica desenvolvida por Ramírez-Gálvez (2003) permite lançar um olhar para o fato da geração tecnológica de um filho ser considerada um milagre, um dos grandes empreendimentos da ciência contemporânea, colocando o médico na posição de gestor da vida do “bebê prodígio”. Em tal contexto vigora a necessidade da tecnologia oferecer uma “mãozinha” à natureza, ao observar sua ineficiência diante das demandas do mundo contemporâneo. Se há algum erro na procriação dita “natural”, ela é solucionada pela assistência médico-tecnológica.

Seguindo essa via compreensiva, pode-se encontrar um terreno propício para a aceitação da medicalização familiar e, talvez, da fabricação da vida. Referente a esse aspecto, Ramírez-Gálvez (2003, p.160) comenta:

A imagem da cegonha é bastante explorada por várias clínicas na animação das páginas eletrônicas. De fato, é uma imagem apropriada para representar a reprodução sem sexo. A história da cegonha, uma mentira tradicional contada às crianças para

ocultar a sexualidade dos pais, no contexto da RA, tornou-se real. As crianças são geradas sem sexo, num lugar especializado e distante do espaço íntimo e reservado dos pais. Além disso, os filhos podem ser encomendados sob medida e com facilidades de pagamento.

O que antes era vivenciado como um ato privado, atualmente é assistido por uma equipe, orientado e controlado por procedimentos médicos. A partir do surgimento da cegonha moderna, há, pois, um redimensionamento da Reprodução Humana do recôndito do lar para o laboratório, o qual produz bebês desejados; um sonho a ser alcançado e também estimulado devido ao lucro financeiro.

Acompanhando o fio condutor da conversação a respeito da infertilidade, importa elucidar: por ser a maternidade e a paternidade estimadas na cultura ocidental, a infertilidade é habitualmente associada a um anátema responsável por roubar ou adiar o sonho de ter um filho. Além disso, autores, como Ribeiro (2007) e Torres (2012) mencionam a possibilidade da condição infértil poder abalar relacionamentos conjugais, interferir no desempenho sexual e na autoestima.

Com vistas a uma compreensão mais abrangente da infertilidade, a seguir, serão mencionadas algumas pesquisas que apresentam esta temática no campo da Reprodução Assistida.

De início, é oportuno fazer alusão ao estudo de Delgado (2007), o qual, buscando conhecer as vivências de casais (in)férteis, constatou que dentre as motivações dos entrevistados estão: sentimento de realização conjugal e vontade de exercer a parentalidade. Frente ao diagnóstico, os colaboradores da pesquisa revelaram apresentar um misto de sentimentos, a saber: choque, surpresa, esperança de ter o filho nos braços, preocupação e revolta, alimentada pelo senso de injustiça diante de ser privado do relacionamento parental.

No tocante às implicações da infertilidade, foi percebido nas narrativas recorrente sentimento de culpa por não conseguir gerar uma criança. O isolamento também foi mencionado devido a conotação sexual dada a infertilidade e, como tal, ser um assunto tido como privado. Com vistas a lidar com tais situações, o apoio psicológico foi apontado como desejado e procurado pelos entrevistados, acreditando que na ação psicológica encontrariam ajuda para conviver com tais questões.

Costa (2002), por sua vez, pesquisou as concepções masculinas acerca do projeto de ter filhos. Durante o período do estudo, foi percebido a inquietude e o constrangimento dos homens por estarem no ambulatório de Reprodução Humana Assistida. Corroborando com

esse pensamento, Noca (2011) explana que os serviços de saúde são apreendidos por muitos homens como ambientes feminilizados e destinados às mulheres, crianças e idosos, gerando nos homens a sensação de não pertencimento a tais espaços.

As narrativas dos entrevistados por Costa (2002) também apontaram para o projeto familiar de ordem genética. O desejo da paternidade biológica pode ser interpretado como uma afirmação da virilidade e moral do homem, já que ter um filho do próprio sangue faz parte da tradição familiar. Comumente, segundo Ramírez-Gálvez (2003), a busca por serviços de Reprodução Assistida está atrelado ao objetivo de proximidade ao modelo reprodutivo considerado natural – representado pela fecundação do óvulo e do sêmen, através da relação sexual. Nesse sentido, a submissão às técnicas médicas pode ter o intuito de preservar, no filho, algum elemento desse modelo normativo, nem que pelo menos seja o sangue de um dos pais.

Na trilha da compreensão da infertilidade, por fim, passa-se à exposição da pesquisa de Castro (2011). No intuito de compreender as representações sociais de profissionais de saúde, os quais trabalham em clínicas de Reprodução Assistida, foi visto que se sentem despreparados ao lidar com questões que envolvem a saúde masculina; pois, para eles, a procura por serviços de saúde é comumente associada a feminino.

Importa situar que os interlocutores da investigação acima citada, ao refletirem a respeito de sua prática profissional, ressaltaram a relevância de problematizações a respeito do ser-homem na sua formação acadêmica. Esta abertura pode dar margem para problematizações e possíveis transformações acerca de concepções sexistas que, por exemplo, interroguem a virilidade/masculinidade do homem frente à vivência da infertilidade.

II – TRANSITANDO EM MEIO A POSSIBILIDADES DE COMPREENSÃO DA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA DA PESQUISA E DA EXPERIÊNCIA QUE SE BUSCA CONHECER

2.1 – Husserl e a Fenomenologia

A propósito dos paradoxos apresentados na experiência dos homens que vivenciam a infertilidade, discutidos no capítulo anterior, recorre-se à compreensão do fenômeno humano via a Fenomenologia. Para iniciar a reflexão, pautada na Fenomenologia, faz-se menção a seu fundador e o modo como desenvolveu seu pensamento.

Edmund Husserl tomou como ponto de partida de seu pensamento, no século XX, a Psicologia e a Matemática. Da primeira, ele atentou para as vivências singulares do sujeito e seus diferentes atos de consciência; já da Matemática retomou a precisão da elaboração das categorias de descrição apropriadas à experiência a ser descrita. Foi com essa dupla filiação – filosófica e científica – que Husserl elaborou o método fenomenológico e propôs uma Psicologia descritiva das vivências (Depraz, 2007).

Cabe mencionar que a Fenomenologia husserliana é uma postura filosófica, tanto quanto um movimento de ideias com método próprio (fenomenológico), buscando rigor radical do conhecimento.

Conforme Husserl (2008), a Filosofia deve estar interligada com a intuição originária, visto a mesma ser a fonte de verdadeiro conhecimento. Husserl considera três condições necessárias para fundamentar uma Filosofia como ciência de rigor: a ausência de pressupostos é a primeira delas, na qual as teorias são tidas como obstáculos para chegar até os fenômenos; a segunda premissa é a de que a Filosofia deve se fundamentar num *a priori* universal. Nessa perspectiva, as essências são o sentido *a priori*, constituem uma “armadura” do ser; por fim, apresenta a condição da evidência apodítica enquanto saber indubitável.

Apresentado, brevemente, o cenário nascente da Fenomenologia, passa-se a sucintas considerações a respeito do pensamento filosófico e epistemológico husserliano. Dada a complexidade e extensão da obra de Husserl, o recorte realizado nesta investigação objetiva compreender seus pressupostos contribuíram para a ruptura provocada pela Fenomenologia, sendo relevantes à Psicologia e ao pensamento de Heidegger.

Inicialmente, faz-se oportuno situar que, em sua obra “*Investigações Lógicas*”, Husserl tematizou a intencionalidade como uma via imanente da consciência – elemento mais original a partir do qual tudo se dá a conhecer. Nessa perspectiva, a consciência é intencionalidade,

apenas existe como consciência de algo. A partir de tal compreensão, Husserl propõe um alargamento da consciência: ao tomar distância da concepção cartesiana e psicológica encapsulada na interioridade, é afirmada enquanto conjunto de atos originalmente abertos aos objetos percebidos, via intencionalidade. Importa ressaltar que a palavra intencionalidade é, para Husserl, a particularidade fundamental na qual a consciência tem de ser consciência de alguma coisa, de portar, em sua qualidade de cogito, seu *cogitatum* nela mesma (Goto, 2008).

De acordo com o pensamento husserliano, o mundo existe para nós como produto intencional. A tarefa da Fenomenologia é salvar o sentido em que este mundo vale para o homem como realmente existente. Cabe também observar que a intencionalidade corresponde à correlação consciência-mundo, sujeito-objeto, mais originária que o sujeito ou o objeto, pois esses apenas se definem nessa correspondência. Sendo a consciência intencionalidade, somente pode ser compreendida em termos de sentido – a consciência dá sentido às coisas; faz o mundo aparecer enquanto fenômeno, significação.

Interrogando as teorias explicativas e os sistemas especulativos da Filosofia e das ciências positivas, Husserl (2008) propõe que o impulso de toda investigação deve partir das coisas e dos problemas. Tomando o fenômeno no âmbito imanente da consciência, Husserl possibilitou outra roupagem à Fenomenologia. Nessa direção, interessado pelo puro fenômeno, tal como se torna presente e se mostra à consciência, propõe a “volta às coisas mesmas”.

Para Husserl, o revelado na experiência corresponde à verdade da coisa. O termo “coisas” remete a palavra alemã *Sache*, a qual apresenta o significado de questão, aposta de um pensamento, problema. Assim sendo, ao dizer é preciso “voltar às coisas mesmas”, o filósofo citado abdica as argumentações doutrinárias e posicionamentos regidos por uma concepção geral de verdade em proveito das interrogações, de um pensamento cuja nascente é suscitada na própria experiência pelo mundo a nossa volta. Com isso, Husserl aposta na força intuitiva do conhecimento (Depraz, 2007; Forghieri, 1993).

Em suma, os ensinamentos de Husserl (2008) apontam na direção do homem mergulhado numa fé ingênua de um mundo cientificamente dado, acrítico, tal como se vê e vivencia, sem interrogá-lo. Essa atitude é nomeada pelo filósofo de ingênua ou natural. Seus esforços se dão na tentativa de propor uma *epoché*, ou seja, a suspensão de uma atitude natural e a ascensão de uma atitude fenomenológica. Importa ressaltar que a passagem de uma a outra é possível pela aderência voluntária a uma atitude de constante questionamento.

Tendo como premissa a inseparabilidade do sentido do ser e do fenômeno, a Fenomenologia husserliana pretende estudar o ser tal como se apresenta no próprio fenômeno.

Nesse sentido, Fenomenologia é o estudo dos fenômenos puros. A partir de tais considerações, o método fenomenológico apresenta-se como modo de alcançar o fenômeno, prescindindo qualquer teoria.

É possível afirmar que a redução fenomenológica é a operação-chave da Fenomenologia husserliana para chegar ao fenômeno como tal. Distante de ser um método teórico e formal de justificação a priori dos conhecimentos, é primeiramente uma atitude, um exercício de observação atenta do mundo (Depraz, 2007).

Na primeira etapa do pensamento de Husserl, a partir de 1913, pode-se dizer, em linhas gerais, que há um foco na análise fenomenológica a respeito do sujeito como suporte do ato de consciência e instância constituinte do sentido do mundo. Já na segunda fase, caracterizada pela “*crise*” (1930-1938), Husserl apontou caminhos à Fenomenologia Transcendental, a partir do mundo da vida e da Psicologia.

A fase da “*crise*” husserliana, caracteriza-se pelo conceito de *Lebenswelt* (mundo da vida), o qual opõe-se ao mundo naturalista-cientificista, que existe externo e separadamente do sujeito, sendo válido enquanto quantificável e mensurável. O mundo científico, segundo Husserl (2008), constitui um empobrecimento da realidade do mundo da vida, apresentando-se como interpretação de uma cosmovisão fundada no mundo pré-científico.

Cabe mencionar que a Fenomenologia husserliana aponta para o crescente distanciamento entre o mundo da experiência e as investigações científicas. O objetivo de Husserl era voltar às coisas mesmas, ao mundo da vida. Para isso, segundo ele, não é preciso abolir a dimensão teórico-científica mas sim, redescobrir o mundo tal como ele aparece. Assim, o mundo da vida, esse “*agora vivo*”, pré-reflexivo, constitui a raiz das reflexões fenomenológicas do *Dasein* em Heidegger, da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty, do pensamento de Gadamer, da Hermenêutica de P. Ricoeur.

Quanto a influência da Fenomenologia na constituição de outro olhar para a Psicologia, Husserl (2008) ressalta a indeterminação prévia do psiquismo, bem como a não retenção, em si mesma, da consciência. Com a postulação de que a consciência está destinada ao mundo, pretende superar a dicotomia sujeito x objeto, mundo interno x mundo externo presente no pensamento metafísico, compreendendo consciência e mundo em condição de correlação.

Na tentativa de questionar a desconsideração da Psicologia tradicional quanto a natureza intencional dos fenômenos psíquicos, Husserl pretendeu elevar a Psicologia ao “*mais alto*” nível científico. Com isso, em seu projeto fenomenológico, abandonou a compreensão de que o eu e/ou a consciência são dados *a priori*, a partir de um aparato psíquico ou de uma

estrutura psicofísica; bem como afirmou a constituição do eu por uma pluralidade de vivências, as quais acompanham o fluxo do tempo (Feijoo, 2011).

Com vistas a ampliar a compreensão até aqui exposta, importa situar que para Husserl (2008) a Psicologia, mesmo aquela distante de uma visão experimental, é vítima do objetivismo. Em sua palestra *Krisis* (Crise), evidencia o fracasso da Modernidade como tendo ascendência na ingenuidade do conhecimento objetivo, que, por se pretender mensurável, necessariamente eliminava o sujeito do âmbito do conhecimento. E acrescenta:

a situação nunca melhorará enquanto não se colocar em evidência a ingenuidade do objetivismo, surgido de uma atitude natural em relação ao mundo circundante e não se estiver convencido da absurdidade da concepção dualista do mundo [...]. Julgo com toda a seriedade que nunca existiu nem existirá uma ciência acerca do espírito, uma doutrina objetiva da alma, objetiva no sentido de atribuir às almas, às comunidades pessoais, uma inexistência, submetendo-as às formas espaciotemporais (Husserl, 2008, p.85).

Foi com a intenção de superar a dicotomia subjetivismo x objetivismo, por meio da consciência transcendental, que Husserl apresentou a Psicologia Eidética. Goto (2008), investigando essa temática, explicitou que, no segundo momento do pensamento de Husserl, já afastado da consciência como intencionalidade, teve por motivação descrever uma subjetividade transcendental, pautada no projeto de realização de uma Filosofia capaz de dar condições para o saber universal.

Concomitantemente a elaboração da Fenomenologia transcendental, Husserl propôs uma Psicologia Fenomenológica, cujo objetivo primordial é a descrição das estruturas psíquicas como tal. Para tanto, ocupa-se com experiências internas, constituídas pelas vivências intencionais. Nessa direção, ao psicólogo, cabe a tarefa de desenvolver uma ciência do mundo interno. Para isso, a “*epoché psicológica*” possibilitará a suspensão dos juízos, das crenças e dos preconceitos do psicólogo a respeito de seus clientes. Esse método também favorecerá uma atitude de observador “desinteressado”, orientando-se, efetivamente, para as vivências intencionais.

Como perspectiva epistemológica, a Fenomenologia influenciou o pensamento psicológico e deu origem a diversas possibilidades compreensivas do fenômeno humano. Foi o ponto de partida para o pensamento de Heidegger, apesar de, gradativamente, ter se afastado das orientações husserlianas e desenvolvido toda uma reflexão norteada pela questão do ser.

No tocante a Heidegger, este considera, de início, duas posições introduzidas pelo pensamento de Husserl: o caráter intencional da consciência e a atitude fenomenológica como modo de investigação hegemônico para pensar o fenômeno da existência humana. Ademais, as reflexões heideggerianas acrescentam à Fenomenologia o caráter hermenêutico de toda interpretação, a ligação originária entre o ser e o homem e o espaço existencial no qual se dá o seu ser (Feijoo, 2011).

Feita essa ressalva, importa demarcar que esse enfoque norteou tanto a pesquisa desenvolvida, como encaminhou para as possibilidades compreensivas reveladas. Nesse caminhar, o foco foi direcionado para a compreensão de homem e do fenômeno estudado, acompanhando a perspectiva de Heidegger, tanto nos escritos de *“Ser e tempo”* como nos textos tardios.

Considerando tal direcionamento, passa-se a apresentar um breve percurso do pensamento heideggeriano, enfocando a temática do corpo e da técnica na Reprodução Assistida, na tentativa de ir apresentando o contexto no qual as possibilidades compreensivas tecidas, no próximo capítulo, foram se construindo.

2.2 – Fenomenologia Existencial Heideggeriana

Por considerar a importância do pensamento de Heidegger, escolhido como marco de referência para as reflexões desenvolvidas, optou-se por fazer uma apresentação de suas reflexões, orientada por pontos de realce direcionados para o modo como compreende o homem e o mundo. Espera-se, desse modo, apresentar a maneira como a pesquisadora foi se apropriando do pensamento heideggeriano para desenvolver suas reflexões sobre a experiência de homens que vivenciam a infertilidade.

Para começar, importa situar o contexto histórico filosófico da investigação heideggeriana, o qual se apresenta como crítica ao pensamento ocidental, de Platão a Nietzsche, marcado pelo esquecimento do ser. A investigação filosófica empreendida, segundo Heidegger (2012), não pensou o ser em seu sentido originário e fundante, mas sempre numa perspectiva secundária, a qual toma o real em seu traço “entitativo”.

Tomar o ser em sua invariabilidade e permanência é percebê-lo como algo simplesmente dado, presença constante, restrita a uma perspectiva de tempo: o presente do indicativo. Foi sob a fixação do “é” que o pensamento ocidental empreendeu suas reflexões

ao longo da história: o homem é uma criatura divina, é livre, é racional, o homem é... Essas definições apresentam apenas uma perspectiva do significado de “ser homem”, não saindo, portanto, do quadro ôntico da substância e, como tal, é percebido como um simples dado para a interpretação das diversas ciências que se propõem a estudá-lo (Michellazo, 2004).

Conforme salienta Vattimo (1996), Heidegger propõe uma desconstrução e reconduz o sentido do ser para seu solo de origem, questionando os conhecimentos metafísicos e buscando refletir o fenômeno da existência em sua facticidade. Ele considera a dimensão ontológica da existência humana, indicando a ausência de essências prévias. Nessa direção, é possível compreender a necessidade de repensar a “Essência do Ser” a partir da experiência fundamental do esquecimento do ser, operada pela metafísica.

Heidegger nos faz um convite a outros modos de pensar, na tentativa de superar o pensamento representacional, pragmático e tecnológico. Suas palavras merecem destaque, ao questionar se a posição por ele afirmada não seria “contrária às regras de uma sã metodologia de aproximação de uma problemática, à medida que propõe que não nos seguremos àquilo que, em relação ao nosso tema, seja dado como evidente?” (Heidegger, 1981, p.29). Esse caminhar sugerido por Heidegger nos põe na tentativa de retomar o esquecido, de voltar os olhos para o simples, atitude relegada na contemporaneidade devido ao embotamento ocasionado pelo raciocínio pragmático e tecnológico.

Outro ponto merecedor de destaque nessa trilha compreensiva diz respeito a separação entre sujeito e objeto do conhecimento, a qual assenta-se sob o modelo dualista proposto por Descartes: substância pensante – a subjetividade (*res cogitans*) – e a material, o mundo da objetividade (*res extensa*). Tal pressuposto serviu de base para fundamentar as ciências, inclusive a Psicologia, e para fazer a separação entre mente e corpo (Pompeia & Sapienza, 2011). Heidegger questiona o modelo cartesiano, ao apresentar um novo modo de pensar o homem, a realidade e o mundo. Contribuindo, assim, para outro entendimento do existir humano e do corpo, revelando sua indissociabilidade.

A Ontologia Fundamental heideggeriana expõe que a existência (*Ek-sistencia*) jamais é substancializada, visto o espaço sempre em fluxo temporal no qual a mesma se constitui. Seu caráter de indeterminação aponta para a inexistência de estruturas apriorísticas, seja social, orgânica ou psíquica capazes de dar sentido e determinação ao existir. Ao mesmo tempo, Heidegger (2012) tenta escapar da pressuposição de um psiquismo dicotomizado em ser e aparência, interioridade e exterioridade, normalidade e anormalidade.

Importa situar que Heidegger parte do cotidiano e não de conceitos pré-estabelecidos para se aproximar dos fenômenos ônticos – aquilo que é percebido, conhecido – e suas

dimensões ontológicas – “características fundamentais”, as quais possibilitam diversas maneiras de algo se tornar manifesto (Heidegger, 1981). Nessa direção, o pensamento heideggeriano reflete uma crítica a perspectiva objetivista. Sob outra ótica, mas não anulando esta, Heidegger volta-se para o momento vivido, refletindo a perspectiva existencial e buscando resgatar a historicidade.

O breve trajeto trilhado pelo percurso histórico filosófico tem a pretensão de abrir caminho para as considerações seguintes. Passa-se à exposição da ontologia heideggeriana, apresentada principalmente em sua obra “*Ser e tempo*”, a fim de possibilitar outra compreensão da existência humana, a qual norteará as reflexões desenvolvidas no presente trabalho.

Dado o recorte proposto nessa apresentação, alguns aspectos do pensamento heideggeriano serão apenas sinalizados ou não abordados, obedecendo ao critério de apoiar as reflexões vinculadas à temática a ser estudada. Tal escolha mostra-se oportuna visto a complexidade e expansão da obra de Heidegger.

A partir do pensamento de Heidegger (2012) o *Dasein* homem é compreendido como ente que habita o aí, na abertura (*Da*), onde compreende o ser das coisas (*sein*) e estabelece condições de possibilidade para o homem ser propriamente o que “é”. Importa ressaltar que, apesar de fazer parte da totalidade do ente, o homem tem relação peculiar com o ser, porque esse é revelado através do sentido prévio das coisas.

Para demarcar seu modo de pensar, Heidegger refere-se ao *Dasein* como existir no devir temporal, ente cuja essência é o existir enquanto pro-jeto. Nessa perspectiva, não há essência humana, do contrário, apresenta-se como poder-ser, condição tida como determinação mais própria da existência.

Nas palavras de Depraz (2007, p.90, aspas do autor):

Heidegger radicaliza a crítica realizada por Husserl ao cartesianismo e propõe mudar o nome que se dá habitualmente à instância intersubjetiva: o ego husserliano se torna um *Dasein*, um “existente”, literalmente um “ser-aí”. O encapsulamento que traz em si o termo *ego*, o resíduo de substancialidade que contém a palavra “sujeito” se veem novamente postas em causa pela noção de *Dasein*. Como o indica “existente”, a instância em questão é desdobrada, aberta, “de fora” (*ex-istente*): não há mais nem menos dentro.

Enfatizando a historicidade da existência, Heidegger ressalta o ser do homem como ser-aí, com o seu caráter de abertura, clareira na qual irão se manifestar os entes. Nessa direção, a ênfase recai na condição ontológica de existir, enquanto poder-ser, modo de existir distinto da compreensão fundada em propriedades já dadas enquanto potencialidades a serem desenvolvidas.

O modo de ser do *Dasein* é ontologicamente marcado por traços fundamentais constitutivos da existência, aos quais Heidegger denominou de existenciais (*Existenzialen*). Diferentemente das definições metafísicas, os existenciais são compreendidos como possibilidades ontológicas e não estruturas determinantes.

A Analítica Existencial, inicialmente, revela a noção de “*ser-no-mundo*”, a qual diz respeito aos vários modos do *Dasein* no mundo. Mundo, nesse sentido, não é visto como um espaço no qual se encontra tudo o que existe; é um existencial, trama de significados e sentidos tecida pelos homens; morada na qual as coisas podem aparecer e se apresentam junto com os outros entes para a abertura ao sentido. Heidegger adverte a nossa tendência em tomar o homem e o mundo como duas entidades separadas, devido a tradição metafísica. Por outro lado, situa a condição homem-mundo como co-originária, não sendo possível pensar em homem sem mundo.

Em “*Ser e tempo*”, Heidegger destina três capítulos para apresentar como se desdobra a presença do homem junto às coisas circundantes e aos seus semelhantes. Nessa direção, afirma que o modo de ser do cotidiano – inautêntico – possibilita o afastamento de si-mesmo; em meio às exigências do público, vive mergulhado na massificação do mundo. Ao mesmo tempo, pode caminhar para um modo de ser autêntico, afastando-se do impessoal e acolhendo o apelo do ser, assumindo sua própria estranheza diante do nada e abrindo-se para outro modo de estar no mundo com os outros e as coisas.

Com vistas a um entendimento a respeito do sentido atribuído por Heidegger às condições autêntica e inautêntica, é preciso desvinculá-las de conotações morais, valorativas ou teológicas, pois ambas dizem das duas possibilidades fundamentais, nas quais se encontra o *Dasein*. A partir de tal perspectiva, não é viável tomar a inautenticidade como negligência ou fraqueza do homem, bem como a condição autêntica da *ek-sistência* enquanto beatitude, moralmente melhor.

Na continuidade desta reflexão, cabe expor que o *Dasein* constitui-se como “*ser-com*”, cuja origem latina significa junto, algo ou alguém na presença do outro. Segundo Heidegger (1981, p.47), “enquanto o ser-aí for, ele terá o ser-com-os-outros como seu modo de ser”.

O “*ser-com*” como “*ser-no-mundo*” apresenta-se enquanto cuidado, apontando que o ser-no-mundo, enquanto existência, esta-no-mundo-cuidando-de ser. O cuidado nas relações com os entes, cujo modo de ser é simplesmente dado, foi chamado por Heidegger de ocupação (*Besorgen*) e nas relações com os entes que têm o mesmo modo de ser do *Dasein* de preocupação (*Fürsorgen*). A Analítica Existencial revela dois modos de preocupação: o primeiro deles tem o caráter de dominação e dependência, de apropriar-se do fazer pelo outro; o segundo, por sua vez, possibilita ao homem assumir seus caminhos, encontrar-se consigo mesmo, tornar-se livre para si e, portanto, apropriar-se da sua existência.

Cabe ressaltar que o cuidado é compreendido numa dimensão da temporalidade. A partir desse comum-pertencer cuidado e tempo formam uma unidade. Heidegger (2012) afirma a impossibilidade de libertar o homem da concepção metafísica senão por um compreensão mais abrangente do tempo. Este não coincide com a interpretação vigente de linearidade, sucessão de agoras; é compreendido em conexão com a existência. Na ótica heideggeriana, o sentido do ser das coisas sai do presente invariável e passa a ser olhado numa perspectiva histórica, no horizonte do tempo fático. Esse modo de pensar inaugura uma ontologia, um modo fundante de apreender o real.

Heidegger narra que o tempo e a existência passam e esse passar se dá de três modos: “é um passar que aguarda (futuro), um passar que fica junto (presente) e é um passar que conserva (passado)” (Michelazzo, 2004, p. 116). Nesse sentido, tem-se uma compreensão mais ampla do ser quando for visto na circularidade do tempo – presente, passado e futuro – e não mais como objetivado na perspectiva do tempo presente.

Apesar da unidade circular do tempo, o futuro é refletido com certo “esmero”, visto ser no advir que o poder-ser pode acontecer. Em tal cenário, o futuro sinaliza algo paradoxal: o morrer, o não-mais-poder-ser. O *Dasein*, enquanto acontecer, é restrito pela finitude, desse modo, “nunca o poderemos encontrar como um todo” (Vattimo, 1996, p.49). Como exposto anteriormente, a existência está sempre numa abertura, assim, o fechamento da mesma só acontece com a morte, compreendida como impossibilidade de toda possibilidade.

No tocante ao “*ser-para-a-morte*”, é o poder-ser mais próprio do ser-aí. Na cotidianidade, a morte é apreendida como algo longínquo, do qual devemos nos desviar e temer. Por se distrair com os ruídos e devido ao excesso de ocupações, o homem não escuta o anúncio da sua finitude. Sobre isso, Feijoo (2011) comenta que o *ser-para-a-morte* conduz o existir pautado em um sentido próprio que transcende o impessoal, favorecendo ao *Dasein* sua singularização.

No caminho pelo questionamento do ser, a angústia também se apresenta enquanto disposição afetiva fundamental e abertura própria do *Dasein*. A angústia revela-se onticamente como medo do nada, ou seja, a pessoa angustiada não teme determinado ente, mas a própria existência como tal. Heidegger retoma a dimensão do nada, relegada pela metafísica, apontando a impossibilidade de representá-la, de convertê-la em objeto.

Cabe salientar que a angústia nos afasta das tramas confortáveis cotidianas e de seus ruídos interpretativos, assinalando a existência enquanto liberdade de escolher a si mesmo. Dizendo de outro modo, a angústia, enquanto existencial, abre para a estranheza e assim redireciona o *Dasein* para “o ser livre para a liberdade de escolher e acolher a si mesmo” (Heidegger, 2012, p.254).

Ao lado da angústia, a perspectiva heideggeriana apresenta a compreensão (*Verstehen*) e a disposição afetiva (*Befindlichkeit*) enquanto existenciais fundamentais para a abertura do ser-no-mundo.

A compreensão não se refere a uma função cognitiva; é ontológica, visto que o *Dasein* é constitutivamente compreensivo e a interpretação é construída em um espaço previamente aberto pela compreensão – a pré-compreensão. Isso não significa que o ser-aí disponha de um conhecimento conclusivo sobre o mundo e as coisas. Como poder-ser, está aberto a possíveis modos de compreender, sempre numa determinada disposição afetiva.

A disposição afetiva diz respeito à afinação com o mundo, refere-se ao modo como nos encontramos sendo-no-mundo, articulado a uma determinada compreensão. A disposição afetiva é uma condição ontológica, cujas manifestações ônticas são os humores ou tonalidades afetivas. Embora haja na Modernidade e na Filosofia a tendência à valorização da compreensão teórica, Heidegger aponta a incoerência da neutralidade, visto que o projetar-se do homem é sempre afetado pelo que vem ao seu encontro (Critelli, 2007; Vattimo, 1996).

No tocante ao pensamento heideggeriano, importa ainda situar suas reflexões a respeito da linguagem, as quais se encontram delineadas de “*Ser e tempo*” até seus escritos “tardios”. Suas considerações giram em torno da crítica às perspectivas epistemológicas que interpretam a linguagem enquanto mero instrumento de comunicação do qual o homem dispõe; bem como sinalizam a separação entre homem, mundo e linguagem.

Heidegger destina o § 34 de “*Ser e tempo*” à tematização ontológica da linguagem, na qual propõe que o próprio homem pertence à linguagem. As palavras de Duarte (2010, p. 382, aspas do autor) são indicativas nesse sentido:

Em linhas gerais, trata-se da diferença entre pensar o homem como o ente que “tem” linguagem, no sentido de ser ele possuidor da capacidade de falar, e a concepção ontológica que pensa o homem como “sendo” por meio da linguagem, concepção que permite entender a linguagem não apenas como veículo de transmissão de informações, mas como modo essencial no qual se manifesta o próprio existir humano.

A linguagem é, sobretudo, um dirigir-se a nós sem o qual não poderíamos falar; é anúncio, apelo e usa o homem como mensageiro. A linguagem apresentada por Heidegger (2012), destituída de saberes e apropriação teórica, distancia-se do que o filósofo, no § 35 de “*Ser e tempo*”, nomeia de falatório (*Gerede*) – falar desenraizado, sem conteúdo original, na medida em que tudo é tomado irrefletidamente como já sabido. No falatório o ser-aí não se reconhece, há a perda de uma relação originária com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

Tal compreensão coloca em xeque a noção de verdade atrelada ao modelo clássico, interpretada como conveniência, adequação do pensamento com a coisa. A Fenomenologia Existencial assume, a partir de Heidegger, a verdade enquanto desvelamento (*Aletheia*), abertura do ser-aí, a qual permite o mostrar-se dos entes. Nessa dimensão, desvinculada do ideal metafísico, a verdade como revelação implica em ocultamento, inclui, portanto, a não-verdade. Esse esconder-se da totalidade do ente é a não-verdade conexas com a verdade.

Após um breve percurso sobre algumas dimensões do pensamento heideggeriano consideradas essenciais para compreender o modo como a pesquisa e as compreensões foram desenvolvidas, passa-se a focar o fenômeno do corpo, por se tratar de uma dimensão essencial para circunscrever a questão norteadora desta pesquisa: a experiência de homens que vivenciam a infertilidade.

Cabe ressaltar que a infertilidade é uma condição vivida no corpo e é experienciada de diversos modos, considerando a singularidade histórica e temporal de quem a vive.

2.3 – Corpo: morada ao aberto da existência

Autores como Almeida (2002), Michelazzo (2004) e Gadamer (2011) comungam da ideia de que a tradição filosófica fenomenológica, sobretudo heideggeriana, não se deteve demasiado ao tema do corpo, face ao estatuto ôntico da temática e o interesse por questões

ditas ontológicas. Contudo, não se pode deixar de salientar que Heidegger, apesar de pouco tematizar a dimensão da corporeidade, rompeu com a tradição metafísica acerca do corpo e o apresentou como fenômeno, o ser-corpo.

A questão do corpo guarda uma grande proximidade com a da existência. Dantas (2011, p.77) expõe: “o corpo é co-determinado pela condição de sermos-no-mundo, o corporar é o próprio sendo da existência”. Pensar o corpo é pensar a existência; e, no percurso da existência, o corpo é justamente a nossa morada. Em vista disto, ao tratar a problemática do corpo, Heidegger (2012) afirmou que o mesmo, assim como a existência, comumente, é tomado como mero ente, aparência simples e evidente. Segundo Heidegger, a história do esquecimento do ser se faz semelhante a interpretação ontológica do corpo, ou seja, ambos enveredaram para os caminhos do empobrecimento e, finalmente, para o declínio do seu sentido.

Nessa linha de pensamento, uma premissa acompanha as reflexões de Almeida (2002): o corpo caiu na obscuridade ao se tornar uma questão para os diversos saberes. Enquanto tematização, o corpo foi reduzido a um mero assunto ao ser tratado pelas perspectivas tecnológicas, figurando ao lado de outras dimensões da existência humana, tais como política e educação. O autor acima referido aponta também para uma amnésia marcante, a dos corpos sofridos, os quais se encontram fora do círculo “privilegiado” de reflexões. Nesse sentido, em nossos discursos, os corpos foram duplamente esquecidos: primeiramente como tema e conceito e, quando tematizados, desconsiderados na condição de corpos existentes, oprimidos, os quais pelem para prosseguir corpos.

A metafísica convergiu à Razão os problemas existenciais e corporais. Seguindo outras vias, a Fenomenologia aparece como um modo de pensar alternativo a essa atitude, trazendo o corpo para o palco das discussões. É bem verdade que o corpo em Descartes aparece emoldurado e a crítica à metafísica era tida como proposta de “libertação” do corpo em relação a essa moldura. Conquanto, as problematizações não implicaram em um favorecimento do corpo, por outro lado, continuaram a anunciar o seu declínio.

Michellazo (2004) trilhou um caminho possível de acesso a essa problemática ao realizar uma apresentação do estatuto ontológico do fenômeno do corpo, presente no pensamento metafísico até a atualidade.

Inicialmente, o autor salienta que o corpo, ao ser apreendido em sua mera entificação, tomou o mesmo rumo do esquecimento do ser. Desde os tempos clássicos da Filosofia grega, o pensamento ocidental, com Sócrates, Platão e Aristóteles, voltou seus olhares para aquilo que dá constância ao real, abnegando o que fica fora do fluxo da impermanência das coisas.

Em Platão, o ser do real é o “aspecto”, o qual se mostra em dois âmbitos: o sensível – dimensão concreta, singular – e o suprassensível – a dimensão ideal. Aristóteles, com herança platônica, apresenta o ser do real como “substância”, dividida em substância primeira – dimensão patente do real – e substância segunda, a qual se refere aos universais abstratos.

A concepção de corpo, testemunhada pela metafísica no pensamento antigo, foi substanciada; tida como um ente não original, o qual não passa de simples aparência. Essa ressalva se fez devido ao seu caráter de impermanência, ganhando um lugar subalterno em contraposição à razão. Na Idade Média o corpo permaneceu dicotomizado, enquanto existente apenas na condição de coisa criada.

Com a posição ocupada pelo pensamento moderno, a concepção de corpo, a partir da postulação de Descartes, a qual patenteou a fundação do homem como Cogito, tornou-se *objectum*, dependente da representação do homem. Por essa via, o corpo ganhou um status decrescente – *res extensa* – ao ser representado a partir de uma etiqueta de identificação a seu respeito (Michellazo, 2004).

Nesse lugar de substância material, o corpo pode ser mensurado, submetido ao crivo da ciência. A esse respeito Heidegger (2009, p.135) comenta: “o medir só é possível quando a coisa é pensada como objeto, representada em sua objetividade (*Gegenstaandlichkeit*). Medir é uma maneira pela qual eu posso deixar uma coisa presente por si mesma me confrontar, isto é, em relação à sua extensão”. Sob o caráter da mensurabilidade ocorreu o desenvolvimento de áreas como Anatomia e Fisiologia.

Ao lado da Ciência e suas especialidades, a Revolução Industrial e o Capitalismo foram dois grandes eventos contribuintes para o crescimento tecnológico numa escala sem precedentes. Conforme Heidegger (1959), o domínio técnico trocou o brilho das coisas pela obscuridade; o homem passou a ser produtor e recurso simultaneamente. Nessa direção, na contemporaneidade, o corpo pode ser compreendido como fruto do declínio percorrido nas inúmeras variações ocorridas ao longo da história: como cópia (na Antiguidade), como criatura (na época medieval), como objeto (na Modernidade) e enquanto mercadoria (na contemporaneidade).

A seguir, serão apresentadas reflexões acerca do pensamento do ser e do corpo resgatado. Nesse cenário, Michelazzo (2004) ressalta que apenas podemos falar de uma nova perspectiva de corpo a partir de outra compreensão da natureza originária do homem. Heidegger propôs uma viragem pragmática, des-substancializando os remotos conceitos de homem e de corpo para tomá-los como fenômeno.

As diversas interpretações da questão do corpo ao longo da história – como cópia, criatura, objeto e mercadoria – foram decorrentes de uma visão entitativa, a qual o apreende em simples substância, tanto em sua natureza material, quanto em seu caráter vivo, dotado de sentimentos. Essa compreensão dicotômica será ultrapassada quando o corpo for visto no âmbito ontológico, como fenômeno.

O verbo “corporar” é criado por Heidegger (2009) para dizer da dimensão temporal e verbal do ser-corpo. O corporar (*Leiben*) pertence ao ser-no-mundo, mas esse último não se restringe ao corporar. O corporar é um dos modos de ser do *Dasein*, absolutamente inseparável dele, condição necessária para relação com o mundo e com os outros. Nessa direção, corporar contrapõe-se à mensurabilidade, visto ser compreendido como horizonte existencial no qual permanecemos.

Para a Análítica heideggeriana, o fisiológico não é suficiente para estabelecer a “relação” homem-mundo. Nesse sentido, Heidegger (2009, p.223) faz uma crítica ao modelo biomédico, ao pronunciar:

Para os médicos o fenômeno do corpo como tal está tão encoberto porque eles apenas se ocupam do corpo material, reinterpretando-o como função corporal. O fenômeno corporal é inteiramente singular, irredutível a outra coisa, por exemplo irredutível a mecanismos. É preciso poder aceitar o fenômeno corporal como tal, intacto.

Para superar o dualismo sujeito-objeto, é necessário a compreensão do corpo como um existencial, traço fundamental do *Dasein*. Por essa via, distanciando-se do pensamento dualista, no qual o corpo do homem só pode ser concebido como pertencente à matéria e afastado do pensamento, Heidegger (2009) expõe a corporeidade enquanto modo de ser. Em linhas gerais, *Dasein* não tem um corpo – um objeto que lhe pertence –, ele “é” seu corpo. Logo, existir é ser-corporalmente-no-mundo-junto-às-coisas-com-os-outros.

Diante dessas considerações, é oportuno retomar o pensamento de Heidegger (2009) ao ressaltar a problemática do corpo, acima de tudo, como um problema do método. O modo de acesso, pela via da previsibilidade, empreendido pelas ciências naturais encerra o corpo enquanto matéria a ser estudada. Nesse cenário, tudo o que não apresenta o caráter dos objetos passíveis de determinação matemática é abolido como incerto e não verdadeiro.

Para Heidegger, não há ressalvas abomináveis em objetificar o corpo, contudo salienta duas questões imprescindíveis: a de não estabelecer tal interpretação como o sentido originário e único estatuto de verdade possível da corporeidade; e a de admitir que tais

conhecimentos objetivos não dão conta da experiência singular do humano com relação ao corpo.

Michelazzo (2004) chama a atenção para o fato de que o ser-corpo não é generalizado, mas sempre “meu”, com seus gestos e desejos, testemunha os acontecimentos da minha existência, o “estar-aqui”; bem como todos os momentos da vida – infância, juventude, adultidade e velhice – somos “corpo e tempo” porque somos “existência e tempo”.

Diante de tal contexto e trazendo à luz a questão norteadora do presente estudo, pergunta-se: Como o *Dasein* homem vivencia a condição de infertilidade? Como compreender o sofrimento decorrente de tal experiência?

Ampliando ainda mais o foco, outras questões se apresentam: De que maneira lida com seu corpo: como objeto a ser manipulado e assim pode ser submetido às intervenções prescritas nos protocolos médicos, ou como um modo próprio de estar-no-mundo? Como as inflexões heideggerianas podem ajudar no sentido de apontar para outra compreensão do corpo, não mais como uma substância mensurável e manipulável, mas enquanto dimensão existencial do *Dasein*? Como essas reflexões podem apresentar uma nova compreensão do fenômeno da infertilidade e que repercussões podem ter no modo dos homens deste estudo interpretar seu corpo (in)fértil?

Como tentativa de possíveis respostas recorre-se a perspectiva fenomenológica. Em tal visão, a reflexão dita psicossomática permanece pautada numa dicotomia mente-corpo preponderante na época atual. Essa divisão apresenta-se insuficiente para abarcar as diversas experiências humanas, as quais podem ser compreendidas considerando-se a existência em sua totalidade indivisível (Dantas, 2011).

O pensamento heideggeriano (2009) mostra uma perspectiva diferenciada para esta questão, ao apontar soma e psique não como entidades separadas e independentes, mas possibilidades do existir humano. De acordo com Nascimento (2008, pp. 83-84):

para Heidegger a questão não está em pensar o psíquico e o somático, nem tampouco as possibilidades de integração ou articulação destas duas dimensões, tal como o fez a psicossomática nos moldes psicanalíticos, a qual fala de representações psíquicas no corpo (somatizações). Antes, ele fala da necessidade de um modo próprio de aproximação do humano que possibilite vislumbrá-lo em sua complexidade e não como soma e psique.

Com as contribuições heideggerianas, não é possível pensar um sofrimento do corpo e outro do psíquico. Assim, pode-se argumentar que o sofrimento é o sofrer da existência, bem como o adoecimento não acomete especificamente um órgão isolado, mas toda a existência em sua condição de ser-no-mundo.

2.3.1 – O Corpo e a Ciência Moderna na Reprodução Assistida

As discussões sobre Reprodução Assistida apresentam o corpo como alvo de investimentos no sistema capitalista – matéria-prima ou mercadoria a ser moldada, corrigida, conforme os ditames da Medicina vigente. De acordo com Almeida (2002, p.103): “a resignificação capitalista da técnica se faz acompanhar de uma resignificação do corpo”. Nessa direção, é preciso atentar para o perigo de um pensar técnico e estreito a respeito do corpo.

Na continuidade destas considerações, importa lembrar que a ciência moderna, com o ideal de objetividade, tenta interpretar o enigma da corporeidade, instrumentalizando-o. Nesse âmbito, segundo Gadamer (2011), a corporeidade é comumente tematizada quando se trata do caráter episódico de doença. Os psicofármacos surgem na moderna indústria da saúde como um deslumbrante êxito da ciência, os quais pretendem dominar as dependências e superar as diversas perturbações que afiguram a vida humana.

Uma das consequências desse avanço técnico, em direção à manutenção da vida, é o desaparecimento da morte nas paisagens urbanas e nas clínicas modernas. O não-mais-estar aqui do morto revela-se assustador, já que em toda parte paira o temor e tremor perante o mistério da finitude. A partir dessa perspectiva, pretende-se expurgar a morte, grande estranha da contemporaneidade, dos corredores dos serviços de Reprodução Humana Assistida? Ali, onde se produz a vida, há espaço para a morte? Nesse sentido, o corpo dos envolvidos nas “empreitadas” médicas, passa a ser utilizado como mola propulsora para o sistema de produção da vida. Para conseguir tal intento, a abordagem do corpo como pura materialidade, passível de intervenção pragmática, contribui para o desenvolvimento de um modelo médico positivista.

Olhando para essa realidade, Barbosa (2000) comenta que os procedimentos relacionados às tecnologias reprodutivas implicam no estabelecimento de um controle meticuloso sobre o corpo e seus sinais. Muitos que valem-se dessas técnicas percebem o seu corpo como objeto de manipulação médica, fonte de dor e deficiência.

A autora acima citada também problematiza a respeito da interferência médica na reprodução e sexualidade, podendo alterar a percepção do corpo e do processo reprodutivo. Nessa direção, para as colaboradoras do seu estudo, o corpo (in)fértil é visto com culpa, portador de uma doença grave; e a menstruação é o maior sinalizador dessa inadequação, sendo encarada com negatividade.

Diante de tal contexto, apresenta-se a necessidade de tentar compreender a condição de infertilidade, não ressaltando a descrição e manipulação técnica do corpo daqueles que a vivenciam, mas em direção a experiência. A experiência, como visto anteriormente, não está desvinculada do corpo, já que o homem sofre em um corpo (in)fértil.

Nessa direção, levando-se em consideração a compreensão heideggeriana a respeito do corpo, é possível entender a infertilidade como palco existencial, um modo da corporeidade se manifestar. Daí a importância de trazer reflexões de cunho fenomenológico existencial para se interrogar a experiência de estar infértil, numa relação de imanência com a existência e, conseqüentemente, para além de um desequilíbrio funcional e estreitamentos causalistas. Tal compreensão contrapõe-se a perspectiva vigente da ciência moderna, na qual, comumente, o corpo é refletido como máquina ou superfície neutra.

Na tentativa de ampliar a compreensão do fenômeno do corpo no âmbito da Reprodução Assistida, às contribuições de Torres (2012) são relevantes quando menciona a experiência dos colaboradores da sua pesquisa.

Inicialmente revelaram passar por momentos de ansiedade e frustração frente a chegada do ciclo menstrual de suas companheiras, o qual é tido como falha da gestação. É interessante também fazer alusão ao “silêncio” dos homens com relação a sua experiência corporal. Ao estar nesse campo, o homem expõe publicamente o seu corpo, escolhe participar do tratamento, opta por ter um filho “em laboratório” e o custeia financeiramente. Esse não-dito estaria relacionado a experiência da incapacidade reprodutiva vinculada a um imaginário social de impotência sexual? Colocar seu corpo à disposição para um processo de tratamento de Reprodução Assistida seria expor sua infertilidade e, sobretudo, sua impotência?

Conforme Torres (2012) a medicalização do corpo demanda reflexões, já que, esse, na tecnologia da reprodução, toma proporções de máquina, onde o operário-médico irá trabalhar, com vistas a um fim específico: o nascimento de um bebê. Ainda de acordo com a autora, a intervenção médica sobre a infertilidade avigora a função da medicina na formulação de significados em volta da sexualidade e da prescrição da procriação, da concepção e propagação de normas sobre o corpo, a saúde e o comportamento. Diante do exposto, é possível indagar: será que o interesse por trás disso tudo está vinculado ao controle,

medicalização e intervenção nos corpos, com vistas a utilizá-los para objetivos políticos, demográficos, sanitários, higienistas e morais como se fez ao longo de muito tempo?

Considerando o enfoque desenvolvido na pesquisa, pode-se ainda perguntar: será que a compreensão de corpo como um existencial poderá contribuir para outro modo de cuidar do casal em situação de Reprodução Assistida?

Após tais reflexões chega-se ao momento de mergulhar no campo da pesquisa, de circular nos corredores e salas destinadas a Reprodução Assistida e dialogar com alguns homens frente ao fenômeno da infertilidade. Para tanto, será, a seguir, traçado o percurso metodológico da presente pesquisa.

III – OS CAMINHOS DA PESQUISA

*“Para além da curva da estrada
Talvez haja um poço, e talvez um castelo,
E talvez apenas a continuação da estrada.
Não sei nem pergunto.
Enquanto vou na estrada antes da curva
Só olho para a estrada antes da curva,
Porque não posso ver senão a estrada antes da curva.
De nada me serviria estar olhando para outro lado
E para aquilo que não vejo.
Importemo-nos apenas com o lugar onde estamos.
Há beleza bastante em estar aqui e não noutra parte qualquer.
Se há alguém para além da curva da estrada,
Esses que se preocupem com o que há para além da curva da estrada.
Essa é que é a estrada para eles.
Se nós tivermos que chegar lá, quando lá chegarmos saberemos.
Por ora só sabemos que lá não estamos.
Aqui há só a estrada antes da curva, e antes da curva
Há a estrada sem curva nenhuma”.*

(Alberto Caeiro)

A presente pesquisa é de natureza qualitativa interventiva, de caráter fenomenológico. Inicialmente, importa situar que as investigações qualitativas surgiram como movimento acadêmico de questionamento ao positivismo, cuja lógica perpassa pela análise objetiva do fenômeno a ser estudado. Partindo de outra perspectiva, lançam mão de metodologias empíricas e estratégias inspiradas pelo pensamento pós-moderno e pós-estruturalista.

Segundo Silverman (2009), a escolha entre determinado método é realizada a depender da temática a ser investigada. Sabendo que a pesquisa qualitativa, em sua variação de procedimentos, objetiva conhecer e questionar o mundo social, foi proposta para conduzir o seguinte processo de investigação.

No tocante à pesquisa, seja qualitativa ou quantitativa, ela se apresenta como um campo investigativo abrangente, o qual pode adotar caminhos e métodos diversos, a depender da epistemologia que o fundamenta. Nessa direção, compreendendo método no sentido grego de caminho trilhado para encontrar algo, a presente investigação está afinada a perspectiva da Fenomenologia Hermenêutica, privilegiando a compreensão interpretativa fundada na Hermenêutica Filosófica de Gadamer e articulada às compreensões ontológicas heideggerianas. Importa situar, segundo Schwandt (2006), o reconhecimento da Hermenêutica Filosófica como proposta epistemológica de natureza qualitativa.

Em tal estratégica metodológica, o pesquisador tem papel ativo na construção do sentido desvelado pela investigação. Portanto, a atitude fenomenológica na ação de pesquisar

apresenta-se sempre implicada. Nesse sentido, longe de uma objetividade neutra ou de uma “subjetividade” anulada, rompe-se com o paradigma metafísico que legitima a visão dicotômica sujeito-objeto como cerne do processo do conhecimento (Schwandt, 2006).

3.1 – Narrativa como modo de conhecer

"A opinião comum busca o verdadeiro na diversidade do sempre novo, do que diante dela se dispersa. Ela não vê o brilho calmo do mistério que aparece na simplicidade da clareira".

(Martin Heidegger)

No intuito de possibilitar o encontro da pesquisadora com os colaboradores, buscando o desvelamento da teia de nexos que ocorre na circularidade constante, dialógica e interativa da situação hermenêutica, foi escolhida a narrativa, partindo da compreensão de Benjamin (1985), como via de acesso à experiência.

Conforme o referido autor, a narrativa esteve presente no círculo das mais antigas formas de ofício e hoje está a desfazer-se por todas as pontas. As mudanças e paradoxos da sociedade moderna, a saber, as novas forças produtivas, o tecnicismo e o imediatismo, afastaram-na gradativamente – com sua beleza e caráter utilitário – do âmbito do discurso.

Por essa via, a informação é compreendida como um dos modos de comunicação ameaçadores, visto a sua colaboração para que o homem não reflita, afastando-se, com isso, de suas tradições em um processo impessoal e destituído de singularidade.

Importa lembrar que, antes do bombardeio tecnológico e do imediatismo da informação, a narrativa, como um meio artesanal de contar a experiência, tinha credibilidade. Benjamin (1985), traz à tona o exemplo dos “homens do mar”, os quais, ao regressarem das viagens, contavam histórias que perpassavam as gerações. Diferentemente disso, a “cada manhã somos informados sobre o que acontece em todo o mundo. E, no entanto, somos tão pobres em histórias maravilhosas. Isto, porque nenhum acontecimento nos chega que não esteja impregnado de explicações” (p.34).

Continuando nessa linha de reflexão, Bosi (2003), a partir da escuta a respeito das memórias, lutas e esperanças das classes subalternas, comenta que a narrativa diz da experiência de cada um. Em suas palavras, “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu” (p.69). Por essa via, atesta o estatuto histórico da narrativa, sua ligação circular

entre presente, passado e futuro, pessoal e coletivo. Esta também pode ser entendida como ponte de contato com a tradição, proposta por Gadamer (2012) enquanto elemento essencial e atuante da experiência histórica.

Ademais, cabe fazer referência a narrativa como possibilidade de mostraçõ e elaboração da experiência. Esta atitude demanda um “trânsito existencial”, em outros termos, implica sair do lugar próprio, tematizando a respeito do vivido. A investigação, através da conversação continuada entre narrador e pesquisador, mostra-se como possibilidade de criação de sentidos e revela seu caráter interventivo. Nessa direção, a compreensão da experiência é o ponto de articulação possível entre pesquisa clínica e ação psicológica.

Na presente investigação, as narrativas foram colhidas tanto nas entrevistas dos colaboradores, quanto no “diário de bordo” da pesquisadora. Tomando como referência os escritos dos viajantes das primeiras navegações, os quais se lançavam ao encontro do desconhecido, por “diário de bordo”, Aun e Morato (2009) apresentam um possível “instrumento” de pesquisa no campo da Psicologia, o qual comunica não apenas dos entrevistados, mas também da história daquele que narra as experiências.

Nessa direção, o “diário de bordo”, enquanto forma de registro, ultrapassa a visão de um simples relato descrito: a fim de relatar o vivido apresentou o modo como a pesquisadora foi afetada e mostrou a historicidade da pesquisa, compartilhada com os colaboradores.

3.2 – A hermenêutica filosófica gadameriana como possibilidade compreensiva das narrativas

O termo grego *hermeneuein*, que significa interpretar, é a raiz da qual a palavra hermenêutica derivou. Esta, como arte de interpretar, tem seus primórdios na teologia de Lutero e seus seguidores. Os mesmos salientaram para a circularidade de um texto, afirmando que a compreensão do mesmo se dá a partir do sentido unitário para o qual o todo está dirigido (Lawn, 2010).

É do próprio Gadamer (2012) a afirmação de que a hermenêutica é universal, tendo em vista sua extensão a todos os modos de compreender humano. Sob essa ótica, as hermenêuticas são apresentadas não apenas como forma de leitura e entendimento textual, mas também enquanto descrição da natureza da compreensão humana.

Continuando na tentativa de aproximação ao pensamento de Gadamer, importa atentar para o questionamento do método como capaz de estabelecer verdades autocertificadas.

Assim, a hermenêutica proposta por Gadamer desvincula-se, assim como fez Heidegger, da ideia de verdade como representação, correspondência exata entre a percepção humana da coisa e a maneira como ela é.

Nesse sentido, as palavras de Lawn (2010, p.87), cabem menção:

Não importa quantas vezes uma poesia ou poemas são lidos, eles sempre conseguem abrir novas linhas de questionamento, novas possibilidades. O texto escrito não muda, mas as possibilidades sim, isto é, para Gadamer, as verdadeiras possibilidades mudam, pois são infinitas.

Tal compreensão aponta para a verdade enquanto desvelamento e distancia-se da noção de normatividade. Evidenciando o caráter criativo e a pluralidade, característicos do espírito contemporâneo, Fontana (2007, p. 3421) expõe: “no mundo marcado pela fluidez dos tempos, os ideais defendidos pela hermenêutica da compreensão dão um tom singular a cada interpretação, e demonstram que a impossibilidade de se prever resultados através de regras, parece ser ideia ultrapassada”.

Assim, a Hermenêutica Filosófica constitui-se numa epistemologia de pesquisa que privilegia a análise compreensiva da ação humana. Tal qual Heidegger, Gadamer atribui à compreensão uma dimensão originária, mas este último direciona seu interesse para o movimento da compreensão e a situação hermenêutica em sua especificidade. A compreensão, nessa perspectiva, se dá na construção dialógica, no jogo da conversação no qual a alteridade se mantém. Conforme salienta Schwandt (2006, p.199), “a compreensão requer o engajamento das tendenciosidades do indivíduo”, ou seja, na interpretação a tradição e os preconceitos não são desconsiderados, mas compreendidos como constitutivos do jogo da conversação dialógica

Comungando desse pensamento e partindo do horizonte ontológico desenvolvido por Heidegger, Gadamer (2012), reconhece a existência de um movimento hermenêutico dialógico e continuamente presente no entendimento da vida diária. Ao invés de considerar esse fenômeno um prejuízo para a interpretação, a ideia de círculo se refere ao constante movimento de rotação entre uma parte de um texto e seu significado total.

Em busca de ampliar essa discussão, a noção gadameriana de jogo auxilia a compreensão do modo como o círculo hermenêutico se movimenta. O jogo, para Gadamer (2012, p. 156), é “o vaivém de um movimento que não fixa em nenhum alvo que termine [...] mas que renova-se a cada repetição”. Nesse sentido, em qualquer modalidade, apenas há jogo

quando o participante está entregue no movimento próprio deste. No tocante à linguagem, a mesma pode ser compreendida como esse jogo que atrai os jogadores para o “mostrar” e, ao ocorrer a revelação e negociação das opiniões, em vista ao que está em questão, podem apropriar-se do desvelado numa “fusão de horizontes”.

Para Gadamer (2012), a noção de horizonte compreensivo ressalta a dinâmica constituinte da compreensão como interpenetração de dois horizontes, os quais obedecem às condições particulares de cada dos que se interpenetram no jogo compreensivo. A interpretação, nesse sentido, afasta-se de um regramento metodológico e se dá na fusão de horizontes, no encontro de perspectivas, no qual o *Dasein* abre-se para refletir e modificar suas tradições.

Relacionando tal perspectiva à pesquisa, é possível discorrer que o horizonte do pesquisador entra em contato com o dos narradores da experiência de tal forma a serem afetados pelo encontro ocorrido na conversação, através da linguagem. Em tal fusão, não há posição neutra de isolamento das sensações e emoções, desse modo, considera-se que o conhecimento, nas palavras de Critelli (2007), é sempre emocionado.

Nessa direção, importa mencionar que, a seguir, utilizarei uma linguagem mais pessoal, a fim de narrar a experiência vivida.

3.3 – Caracterizando o cenário e os participantes da pesquisa

“Vejam como o agricultor aguarda que a terra produza preciosa colheita e como espera com paciência até virem as chuvas do outono e da primavera”.

(Tiago 5:7 in Bíblia Sagrada)

Pesquisar durante o mestrado se configurou como um modo de exercitar a minha possibilidade criativa. A semelhança do semeador que saiu para semear, assim fiz ao assumir o desafio de além de buscar conhecimentos, me fazer participante. Acolhendo a condição de semeador de sentidos, passei a me nutrir das minhas compreensões, do meu desalojamento, interrogações e desejos.

Compreendendo pesquisar como um modo possível de olhar para algo, de buscar entender um fenômeno que se mostra enigmático, nessa investigação, delineou-se a seguinte questão-bússola: *“Como é, para homens, vivenciar a experiência da infertilidade?”*. Essa provocação instigou a curiosidade, indicou caminhos possíveis para ir adiante, e também

colocou-me em movimento, me ensinou a preservar uma abertura à dimensão do segredo, do mistério, sem a necessidade de controle; instigando a estudar, escrever, me inquietou na direção da procura de sentidos, bem como abriu linhas de questionamentos, outros horizontes para serem refletidos e, quiçá percorridos.

O cenário no qual a pesquisa aconteceu foi o ambulatório de Reprodução Assistida do Instituto de Medicina Integral de Pernambuco – IMIP. Esse serviço público, financiado pelo SUS (Sistema Único de Saúde), situado na cidade de Recife-PE, iniciou suas atividades no ano de 2004. O mesmo, com uma equipe composta por médicos, enfermeiras e psicóloga, tem por finalidade buscar recursos para os efeitos da esterilidade e infertilidade conjugal, por meio de técnicas no âmbito da Reprodução Assistida.

A escolha por tal ambiente se deu por razão do mesmo ser um hospital nordestino de referência no âmbito da Reprodução Humana, bem como por se revelar um hospital-escola, em que a presença do pesquisador e do estagiário são comuns.

Entre (des)encontros, consegui a autorização necessária para estar ali. Confesso que a minha busca não era por teorias sobre infertilidade, até porque essas, já tinha lido nas páginas dos livros. Apropriada disso, por cerca de 05 (cinco) meses, fiz parte daquele cotidiano: peregrinei no território, fui marcando e sendo marcada pelos encontros vividos; estive na sala de espera, conheci homens e mulheres na condição de inférteis, participei de grupos “terapêuticos” com mulheres, conversei com alguns profissionais que ali circulam, realizei as entrevistas tão desejadas, registrei o vivido no meu diário de bordo.

O setor de Reprodução Humana do IMIP é composto pela recepção, sala de espera, banheiros, salas de atendimento individual e grupal, sala para realização de ultrassonografia e procedimentos de Reprodução Assistida (estimulação da ovulação, inseminação artificial, fertilização *in vitro* e pequenas cirurgias). Tal ambiente foi percebido por mim como organizado e acolhedor. Um aspecto que me chamou a atenção foi às fotografias de mulheres grávidas e casais com seus bebês no colo, os quais fizeram tratamento no serviço e hoje estão ali não apenas como decoração das paredes, mas enquanto exemplo de conquista de um sonho parental.

Nessa travessia enquanto pesquisadora, fui tatuada por ações, pensamentos, questionamentos, conquistas, provocações, insatisfações, pessoas com quem cruzei. Assim, declaro-me autora dessa produção tão próxima de mim. Importa frisar que o exercício de pesquisadora demandou um alargamento da minha capacidade narrativa, implicando criação, envolvimento, empenho e aprendizado interpretativo.

No tocante aos colaboradores da pesquisa, considerados narradores da experiência, foram 05 (cinco) homens frequentadores do ambulatório de Reprodução Assistida do IMIP. O critério de inclusão de participação utilizado foi estar infértil e ser cadastrado no referido serviço. Segue abaixo uma tabela com vistas a dar a conhecer aspectos da vida dos colaboradores:

NOME FICTÍCIO	IDADE	PROFISSÃO	TEMPO DE TRATAMENTO NO IMIP	TEM FILHOS DE OUTRO RELACIONAMENTO
CARLOS	45 anos	Autônomo	2 anos	Não
HEITOR	42 anos	Autônomo	1 ano	Sim (1 filha)
JAN	39 anos	Agricultor	4 anos	Não
LUIZ	50 anos	Taxista	4 anos	Sim (3 filhas)
PAULO	40 anos	Autônomo	3 anos	Sim (1 filha)

Importa situar que os mesmos foram abordados na sala de espera; na ocasião, explicitarei a temática da pesquisa e os convidei para serem interlocutores da presente investigação. Mediante aceitação voluntária, os interlocutores foram entrevistados individualmente numa sala reservada do ambulatório de Reprodução Assistida do IMIP. Ressalta-se que os cuidados éticos em relação à pesquisa com seres humanos, baseados nas normas do Conselho Nacional de Saúde, foram tomados, inclusive a submissão e aprovação do projeto de pesquisa em Comitê de Ética (CAAE:08870312.0.0000.5206), a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a anuência dos interlocutores para a gravação e, posteriormente, transcrição das entrevistas.

Cabe destacar que durante o meu percurso no ambulatório partilhei algumas de minhas compreensões com alguns profissionais. Sinalizei o meu compromisso em retornar ao IMIP após o término da minha pesquisa e defesa, a fim de discutir a produção final.

A seguir, passo a apresentar as experiências dos interlocutores, acessadas via narração. Teço compreensões fundamentadas, sobretudo, no marco-teórico-filosófico adotado como referência na presente pesquisa; bem como a outras demandas de discussões apreendidas. Convém também mencionar que para destacar as narrativas, as mesmas foram colocadas no formato itálico e com margem recuada à direita.

Por fim, trago o apontamento de que, assumindo a perspectiva Hermenêutica Filosófica, posso revelar a experiência desabrochada nas afetações e provocações produzidas no caminhar da pesquisa. À luz dessa compreensão, surgem algumas questões: Como narrar da riqueza vivida durante aqueles meses de inserção em campo, sendo tatuada, observando, pesquisando, conhecendo, acompanhando as experiências e participando de atividades do serviço de Reprodução Humana daquele hospital? Como produzir compreensões a partir do meu transitar naqueles cenários estranhos que almejava conhecer e compreender? Tarefa desafiadora e instigante!

3.4 – Des-cobrimo a experiência: a infertilidade masculina

*“[...] Procuo despir-me do que aprendi,
Procuo esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras [...]”
(Alberto Caeiro)*

Encaminhando esta investigação pelos vestígios das narrativas dos colaboradores em cena, inicialmente, considero cabível atentar para o fenômeno da saúde do homem, problematizado por Noca (2011). Assim como a autora sinalizou em seu estudo, percebi na minha experiência, uma certa dificuldade nessa discussão, a qual, de certo modo, soou como nova no ambiente de Reprodução Humana Assistida no qual estava inserida. Minha proposta foi refletir a respeito da infertilidade masculina e, quem sabe, a partir do meu transitar naquele cenário, contribuir para inserção do cuidado à saúde do homem, na perspectiva de vislumbrar brechas possíveis para a promoção de práticas integrais de saúde.

Como implicação considerável a essa questão, encontra-se abaixo o fragmento do meu diário de bordo, o qual expressa o pedido de um grupo de mulheres e o meu desejo, enquanto pesquisadora do campo das masculinidades, para que haja aberturas de espaços de atenção aos homens e suas demandas:

“Algumas mulheres do grupo que participei salientaram a importância dos homens terem um lugar para falar – assim como elas possuem – a respeito da espera do filho desejado. Nesse momento fiquei radiante ao ver os homens entrando em cena, mesmo que timidamente. Confesso, tive vontade de levantar a mão e lançar a proposta de encontros grupais com os homens – questão que me provoca a conhecer, a querer estar perto. Mas aquele não é o meu local de trabalho, admito, naquele momento até desejei que fosse! Creio que seria muito rica a experiência de intervenção e acolhimento com os homens! Quem sabe um dia...!” (Trecho do diário de bordo da pesquisadora).

O pouco investimento na saúde do homem tem ganhado ressonâncias no campo da Reprodução Assistida, visto o acentuado investido na saúde reprodutiva feminina e o descompasso com relação aos homens. A minha experiência sinalizou que a busca por serviços de Reprodução Assistida expõe, muitos homens, pela primeira vez, ao ritmo e a lógica do serviço médico, ao tempo gasto com exames e a exposição do corpo mediante os procedimentos submetidos, questões há muito experimentadas por diversas mulheres. Seria, esse cenário, sinalizador do hiato existente entre homem, saúde e cuidado? As considerações acima apresentadas me auxiliam a compreender a importância de estudos em saúde centrados nos cuidados para com os homens, tendo em vista a “invisibilidade” dos mesmos nos serviços.

Quiçá esteja aí uma via para a compreensão da ausência de alguns homens no tratamento da Reprodução Assistida, postura questionada por suas companheiras:

“L’ e ‘C’ afirmaram levar ‘a carga’ do tratamento sozinhas. Seus companheiros não perguntam a respeito das consultas realizadas e também não procuram saber, no ambulatório, notícias e informações sobre o tratamento. Outras mulheres, por sua vez, mencionaram que seus companheiros têm atitudes opostas: perguntam, se preocupam, conversam. Segundo as mesmas, a atitude de compartilhar a respeito do tratamento as deixam com a carga mais “leve”. Essa realidade me deixou atônica e me mobilizou a pensar qual o lugar que esses homens estão ocupando no processo de tratamento de Reprodução Assistida” (Trecho do diário de bordo da pesquisadora).

Ao deparar-me com esse relato, me reporto à crítica dirigida às simplificações existentes no discurso de participação e responsabilidade masculina na esfera reprodutiva, ideia discutida por Arilha (2010). Na cultura nordestina, “terra de Lampião”, arrisco dizer que a ida aos serviços de saúde pode ser vista, por muitos homens, como desonra à masculinidade, por se mostrar vulnerável à doenças. A participação “tímida” do homem no campo das tecnologias reprodutivas, revela o antagonismo entre masculinidade e reprodução, sendo algo comumente limitado ao público feminino. Em tal contexto, os homens seriam dispensáveis para a reprodução?

Na tentativa de compreender esse fenômeno, recorro ao pensamento de Heidegger (2012), ao considerar o *Dasein* como cuidado (*Sorge*), implica que o ser-no-mundo, enquanto existência, cuida de seu existir, cuida de existir. Estando lançado no mundo e na lida com tudo e todos, não cabe ao homem escolher ter ou não cuidado, pois ele está presente em todos os seus atos e escolhas.

O cuidado, numa perspectiva ôntica (fenômenos perceptivos), é seletivo, visto a escolha sob o que vai cuidar e como irá fazê-lo. Encontrei nos colaboradores desta pesquisa,

homens que, mesmo timidamente, romperam o padrão vigente, ao optarem por assumir um cuidado mais atento.

No entanto, em minha imersão no campo, deparei-me com outro fenômeno interessante: ao folhear diversos prontuários, pude perceber, a partir do registro dos profissionais no referido documento, a pouca informação, exposta pelos homens, em relação ao tratamento de Reprodução Assistida – conhecem pessoas na condição de inférteis, as quais já foram submetidas aos procedimentos médicos, contudo sabem pouco sobre o assunto, as possibilidades, o tempo e as chances de tratamento. Tais considerações me remetem a contribuição de Heidegger (2012) a respeito dos estados de ânimo como modos de cuidar do existir. Lançados num mundo, somos convocados para vivermos de modo impessoal, a ser como os outros são. Esta impessoalidade aponta para o modo de cuidar desinformado e pouco comprometido registrado nos prontuários.

Na tentativa de ampliar essa discussão, cabe mencionar a relevância da inserção dos homens no questionamento e na continuidade das indagações sobre tecnologias reprodutivas Assistidas. No horizonte pontuado, surge as seguintes interrogações: Será que olhar para as mulheres e as implicações das mesmas no campo da saúde reprodutiva tem limitado o investimento nos homens, ocultado o impacto das tecnologias reprodutivas no seu corpo e pouco problematizado o lugar destinado aos mesmos na reprodução, de um modo geral? É oportuno salientar que não se trata de modificar o foco das mulheres para os homens, mantendo tal dicotomia como padrão; mas sim apontar a reflexão também para o campo das masculinidades. No intuito de dialogar com esse modo de pensar, creio que, compreender como homens vivenciam a condição de infértil, pode abrir possibilidades para outros/novos debates.

Ao lado dessas reflexões, avulta aos olhos as constantes transformações na noção de masculinidades, conforme observam Borgis (2011), Maciel Junior (2006) e Silva & Santos (2013). Apesar da abertura de espaço para discussões plurais e abrangentes, convivemos, ao mesmo tempo, com a masculinidade hegemônica enquanto forma naturalizada de ser homem: sexo forte, valente, belo, competitivo, viril. No tocante à infertilidade, dizer que o homem vivencia essa condição pode levantar suspeitas quanto à sua virilidade, potência e ameaçar sua “identidade”, a qual está firmada no valor da dimensão reprodutiva.

Nesse debate, considero pertinente atentar para uma relação existente entre a impossibilidade de ter filhos e a necessidade de mostrar socialmente a chegada do mesmo. O depoimento de **Jan**, por essa via, me chama atenção:

“Eu vou mostrar aos outros: ‘está vendo? você dizia que eu não fazia menino. Demorou mas veio logo dois ou três de uma vez’”.

Diante da revelação acima, a partir do meu horizonte compreensivo, **Jan** posiciona-se como se tivesse um débito social a saldar. Tendo em vista a associação entre infertilidade masculina e impotência sexual, ele aparenta almejar mostrar que conseguiu procriar “dois ou três” de uma vez, apesar da demora. Na medida em que a paternidade põe em xeque, ao menos momentaneamente, o risco de ter a masculinidade interrogada, estaria ele, por questão de honra, querendo dar uma satisfação social acerca da sua “potência” em engravidar a sua companheira?

Essa “dívida social” revelada pela infertilidade, de alguma maneira, pode estar vinculada a experiência de finitude, da qual tendemos a nos afastar, ao passo que a mesma causa estranhamento suficiente a ponto de questionar os projetos de vida construídos e orientadores da escolha diante das possibilidades apresentadas (Duarte, 2010; Heidegger, 2009). O clamor da morte ou o adiamento do projeto de ter um filho vem trazer estranheza ao homem contemporâneo que, continuamente, é convidado à vitória e auto superação; bem como marca a temporalidade das construções e a transitoriedade dos planos.

Na busca de ampliar o horizonte dessa discussão, as manifestações da finitude, pela possibilidade disruptora contida nela, são cada vez mais desencorajadas e até consideradas patológicas. Dentro desse contexto, a infertilidade pode ganhar um caráter estigmatizante, ao passo que atribui-se aspectos negativos a tal experiência e suas privações. A metáfora da secura é bastante utilizada, em oposição a representação de umidade para a fertilidade. Nesse contexto, são comuns expressões como: fonte seca, árvore sem frutos, terra árida, flor murcha, as quais se amparam sobre uma natureza improdutiva, a qual não cumpre a norma social e natural da procriação no tempo estabelecido.

O anúncio dessas considerações me remete ao exemplo, trazido por Heidegger (2009, p.85), da flor do açafraão chamada “Zitelosa”. Esse nome leva o significado de flor que não floresce no tempo certo, diferente da época habitual das demais. A “Zitelosa” da primavera floresce antes do tempo previsto; já a do outono, floresce tempos depois. Esse “sem tempo”, tanto da flor quanto da infertilidade, vai na contramão dos procedimentos e das condições de mensurabilidade técnica, os quais definem a hora do “engravidar”, metamorfoseada em flor.

Frente a tais questões, algumas pessoas preferem vivenciar a infertilidade como um segredo. Essa experiência foi narrada por **Heitor**, como mostra o trecho a seguir:

“Eu não quero que minha família saiba... não é por minha causa, mas devido a minha esposa, ela tem vergonha. Esse tratamento que estamos fazendo quase ninguém sabe”.

Fiquei pensativa ao me deparar com a narrativa acima e indaguei: ao atribuir a sua companheira a vergonha e o silêncio quanto à infertilidade, estaria ele falando de si também? Seguindo esse rastro compreensivo, qual seria o mote do segredo dele e de sua companheira senão a existência de uma “diferença vergonhosa”, ou estigma entre os clientes da Reprodução Assistida e aqueles que geram filhos pela via biológica comum? Em meu horizonte interpretativo, o silêncio com relação à infertilidade e o recurso às tecnologias de procriação refere-se mais ao caráter estigmatizante de ser anormal, incapaz e artificial, do que a busca por privacidade pelo casal. Mas será que **Heitor** consegue apropriar-se de sua condição, assumindo-a enquanto uma possibilidade e, assim, viver os procedimentos técnicos com propriedade e certa autonomia? Há espaço, nos serviços de Reprodução Assistida, que possibilite apropriar-se e assim tematizar a experiência vivida?

Mas, voltando à fala de **Heitor**, também posso ousar interpretar que, dizer a família possivelmente demanda assumir a condição infértil, de “clientes da cegonha tecnológica”; solicita também expor-se, encarar os comentários e estranhamentos, escutar e/ou responder aos questionamentos. Diante disso, a escolha deles foi sustentar o segredo.

Caminhando no horizonte de problematização da pesquisa, a possibilidade de procriação fora dos “moldes naturais” apresenta-se recorrente, atestando as novas maneiras de pensar a parentalidade na contemporaneidade. Ao lado dessa abertura, no cenário da Reprodução Humana Assistida, o filho biológico, “sangue do mesmo sangue”, é visto como concretização da maternidade/paternidade. Resgatando experiências tidas no espaço jurídico com pretendentes à adoção, adotantes e pessoas adotadas, a adoção comumente surge como última opção destinada para aqueles que “fracassaram” na tentativa de filhos biológicos. Tal situação, também vivida pelas mulheres do grupo que participei, apresentou-se de modo claro, quando consegui apreender o conflito vivido, registrado no meu diário de bordo:

“No grupo de mulheres, uma delas comentou que está pensando, juntamente com seu esposo, na possibilidade de adoção. Ressaltou seu desejo, porém expressou que seu companheiro desistirá do tratamento reprodutivo caso haja a adoção. Diante de tal situação ela questionou: Onde fica o meu sonho de ver a minha barriga crescendo?”.

A possibilidade estimada de poder ou não engravidar pela via biológica, assume uma roupagem diferente quando olho para a experiência dos homens. Nessa direção, **Heitor** e **Carlos** trazem a adoção enquanto possibilidade parental, contudo não desconsideram o objetivo de terem um filho biológico:

“Além de ter um filho biológico queremos um adotivo [...] Eu não fico na paranoia de ter um filho biológico, para mim um filho adotivo é a mesma coisa, o que vale é o amor” (Heitor).

“Eu penso mais em adoção do que em esperar para ter um filho biológico! Se dependesse de mim já tinha adotado há muito tempo! Minha esposa tem esperança de ter o filho biológico!” (Carlos).

Nesse momento, me deparo com a situação de adoção, outra experiência complexa e que foi questão de pesquisas realizadas por mim. Como resultado, Silva e Santos (2013) apontam o distanciamento de rótulos pejorativos dados à adoção; bem como a afirmam enquanto habitat familiar, atravessado pelo afeto. Os colaboradores da pesquisa citada expressaram ser na rede de parentesco e não na herança genética que se constrói a parentalidade.

Aproximando-se desta via, a presente investigação, revelou outra compreensão sobre a condição de adoção, fundamentada na afetividade:

“Pude perceber o desejo que move algumas pessoas; não conheço suas histórias a fundo, mas sei que algumas delas vem de outra cidade, gastam dinheiro, investem no projeto parental. Compreendo isso como adoção, escolha por aproximação de um bebê que ainda não existe fisicamente, porém ‘se faz presente’ nos exames realizados, nas consultas, nas conversas, no desejo...!” (Trecho do diário de bordo da pesquisadora)

Continuando o processo compreensivo da presente investigação, as falas dos narradores apontaram o questionamento dos homens a respeito da criação dos filhos, papel comumente atribuído às mulheres. No contato com **Luiz**, pude perceber o seu comprometimento com o exercício da sua futura paternidade ao narrar:

“O meu sonho é ter um filho com a minha esposa para que a gente venha dividir as tarefas, tomar conta dele, estar ao lado nas horas boas e nas aflições”.

As palavras de **Luiz** me envolveram em um sentimento de dedicação e trouxeram a imagem de um pai que está na sacada da sua casa, de braços abertos, à espera do filho. O cuidado expresso por ele, na narrativa acima, pode assumir o sentido de preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo paternal, indo além da ideia de “coadjuvante” na criação da prole e indagando a restrição paterna de provedor financeiro e moral. Nessa direção, a experiência de infertilidade se revelaria enquanto um caminhar “facilitador” para o acontecimento da paternidade de um modo envolvente, atravessado pela afetividade? A

própria decisão de assumir o tratamento já não implica numa atitude de acolhimento afetivo ao futuro filho?

Com vistas a ampliar os sentidos das vivências dos homens (in)férteis, cabe questionar: Em uma cultura onde o filho, muitas vezes, é a vitrine da virilidade/masculinidade, como fica o homem ao se perceber (in)fértil? Ao narrarem suas experiências, os interlocutores revelam sentimentos diante da infertilidade:

“Tem vezes que bate a dificuldade, tem momentos que eu fico deprimido, mas depois eu lembro que a nossa hora vai chegar” (Jan).

“Eu fico triste e decepcionado comigo e com a demora do sistema. Acho que já me acostumei... entrou no meu cotidiano! Se eu não conseguir ser pai tudo bem, mas também se vier...! Como a minha cunhada e os meus colegas dizem: ‘Ah... Carlos! Você tem um imã para crianças! Tem muitos pais que não possuem o carinho que você tem com os seus sobrinhos!’ Nessa ânsia eu me alegro... mas depois perco a esperança!” (Carlos).

Nas narrativas acima, salta aos olhos a experiência de ora sentir dificuldade, tristeza e decepção diante dos procedimentos do tratamento; e ora ter a esperança de vivenciar a parentalidade, revelando o modo de ser do humano enquanto projeto sempre por se fazer, aberto ao futuro. Tal compreensão, encontrada nos primeiros escritos da Fenomenologia Existencial de Heidegger (2009, 2012), diz da condição ontológica do *Dasein* homem, como ser-aí. Dito isto, pode-se interpretar que, enquanto projeto lançado, o homem (in)fértil, diante da sua incompletude, mantém-se na abertura afetiva pela parentalidade. Os sentimentos de desesperança, tristeza, ansiedade, decepção, expressos pelos narradores, favorecem a situação de “crise”, aqui compreendida como perda de rumo, mesmo que temporária, do seu projeto de vida, lançando a pessoa, cada uma a seu modo, numa situação de falta de sentido, desalojamento.

Essas considerações abrem margem para outra discussão fundamental no contexto da Reprodução Humana: o sonho de ter um filho! A referência tomada para a utilização da palavra “sonho” tem raiz na compreensão de Pompeia e Sapienza (2011), na qual os autores aproximam a referida expressão à planos, desejos, antecipação como algo que faz parte do sentido da vida. Esse poder sonhar constitui a existência humana, sempre à espera de caminhar na busca das possibilidades abertas. Tais enunciações me fizeram pensar que quando os homens falam do filho desejado, esse projeto reúne sua esperança, preocupação, seu sonho de ser pai. Isso ocupa uma posição privilegiada: os move, convoca força e empenho a realizarem o tratamento demorado, burocrático; direciona as escolhas, dá sentido ao agir humano.

Ao dialogar com tal compreensão sou atravessada pelos depoimentos e **Jan, Luiz e**

Paulo:

“Às vezes eu chego aqui e fico olhando as fotos que estão no mural e penso: ‘quem sabe um dia minha foto não estará aí também’. Um dia quem sabe eu não te encontro e digo: ‘meu filho chegou’” (Jan).

“A chegada do meu filho renovará a nossa vida e da nossa família. Para sermos ainda mais felizes está faltando Eliseu, se for um homem, ou, se for uma mulher, bem provável se chamar Vitória, não é?” (Luiz).

“Vemos reportagens, pessoas que tem filhos com facilidade e abandonam, jogam fora os filhos! Isso é o que mais machuca, entristece! Mas, ao mesmo tempo, valoriza mais a nossa expectativa de querer lutar, ter mais força e amor!” (Paulo).

A infertilidade, enquanto algo indesejado, adverso, pode trazer desconforto, causar surpresa, gerar estranheza. A chegada do inesperado pode implicar uma ruptura, necessidade de sacrificar as antecipações feitas; o sonho, por essa via, precisa se retrair para dar lugar a realidade (in)fértil. Esse contexto se faz ver no vazio dos braços daqueles que vivenciam a infertilidade!

Nessa direção, a vivência da infertilidade pode ameaçar as expectativas das pessoas que, por meio da procriação, vislumbram seu lugar na posteridade. Nesse sentido, **Jan** narra:

“Eu vou trabalhar para deixar alguma coisa para o meu filho. A nossa casa mesmo... se a gente morrer vai deixar para quem? Hoje não temos para quem deixar, mas se Deus quiser chegará”.

A fala de **Jan** me deixou pensativa em relação à manutenção dos sonhos, apesar das condições contrárias apresentadas aos colaboradores da pesquisa. Mesmo diante das incertezas, lágrimas e burocracia, são impelidos a realizar sua parte no caminho em direção a parentalidade. Aqui retomo a compreensão heideggeriana de projeto, a qual aponta a motivação como impulsionadora para o homem encontrar-se na relação tecida com o projeto parental, com a tarefa diante de si. Mesmo ao ser acometido por circunstâncias adversas, o homem pode investir em outras possibilidades, buscar outros rumos para a continuidade da vida.

Essa situação de modo originário, aponta para a condição característica dos homens: serem portadores, geradores e sacrificadores de sonhos. Quanta esperança e expectativa eles põem na vinda desse filho! É semelhante ao ocorrido quando a criança planta um grão de feijão no pedaço de algodão e fica esperando o nascimento. Ela vai todos os dias até o pedaço de algodão olhar o crescimento. E como demora! Mas quando surge a folhinha risos de alegria são externados.

Nessa direção, o herdeiro/filho desejado se faz anunciar muito antes da sua chegada. Em outros termos, se refere a uma expectativa frente a um filho, o qual, não existe fisicamente, mas, na antecipação, já tem sido alvo de afeto, rodeado de cuidados. Será o sonho iluminador da espera?

Prosseguindo nessa trilha compreensiva, me pergunto onde fica o lugar a ser ocupado pelo filho desejado diante de uma burocracia que se arrasta entre um a oito anos? Os homens participantes falam dessa burocracia e ressaltam a falta de informação e o modo técnico como são submetidos às diversas etapas do “tratamento”, sem nenhuma participação ativa nas decisões viáveis: data, período, espaço entre as consultas, processo de marcação, entre outros.

“É muita gente para fazer a inseminação artificial, ninguém nem sabe qual o nosso número na fila de espera” (Jan).

“Eu estou no começo do tratamento, eu não sei o que vem pela frente; mas ouvi falar que o tratamento é longo... agora depende do organismo de cada pessoa” (Heitor).

“Já faz dois anos que venho ao ambulatório... o que eu estou achando difícil é a demora. Você marca e as coisas só acontecem depois. Eu estou aqui hoje e não posso marcar outro exame. É para vim depois, chegar cedo, pegar a ficha e marcar para o outro mês. São situações como essa que você fica sem esperança, pelo tempo” (Carlos).

“Eu pensava que era somente chegar aqui e marcar a Fertilização! Mas é completamente diferente... é um procedimento lento, demorado, datas muito longas entre as consultas! [...] A espera é com muita ansiedade!” (Paulo).

Tamanha espera, penso eu, pode estar relacionada, de algum modo, a desorganização do sistema de saúde brasileiro. Importa situar que, no estado de Pernambuco, o Instituto de Medicina Integral de Pernambuco – IMIP é o único hospital credenciado ao SUS (Sistema Único de Saúde) que financia integralmente os tratamentos de Reprodução Humana Assistida. Diante disso, o referido hospital público, comumente, não consegue atender a grande demanda com agilidade. O resultado de tal cenário são filas de espera de até 08 (oito) anos.

Refletindo sobre as experiências anteriormente narradas, é possível perceber a existência de duas esperas: a do tempo real (está explícita) e a outra dimensão referente à espera da reação do organismo aos procedimentos técnicos-médicos. Tal espera mobiliza angústia que, no caso dos colaboradores, esta disposição afetiva desvela-se numa espera sem tempo e respostas; num estar no mundo desamparado e implicado em situações técnicas e desconhecidas do tratamento.

Novamente recorro ao pensamento heideggeriano para tentar compreender tal situação e assim dialogo com sua compreensão sobre um dos existenciais do *Dasein*. Para Heidegger

(2012), é a afetabilidade que desvela o modo como o homem busca ou se afasta de determinada tarefa. Partindo de tal entendimento, a disposição afetiva da angústia, desvelada concretamente pela condição burocrática/técnica, sinalizou também minha própria vulnerabilidade e me conectou a experiência dos interlocutores desta investigação.

Essa aproximação se mostrou quando, no meu percurso enquanto pesquisadora, pude também ser afetada pela burocracia do sistema. Os obstáculos impostos pela instituição, geraram desconforto ao passo que não me sentia acolhida; mas também esse “não se sentir em casa” me colocou frente a frente comigo mesma, possibilitando a apropriação da minha escolha em pesquisar naquele local. Tal vivência é narrada no meu diário da bordo:

“Até os pretendentes chegarem ao ambulatório de Reprodução, os mesmos precisam passar por alguns setores, participar de consultas e realizar exames atestando a dificuldade de gestação. Reconheço a necessidade de tal burocracia para a organização do serviço; todavia, aponto também a morosidade para os desejosos em ver o sonho parental tornar-se real. Ao recordar da dificuldade de acesso que tive para conseguir realizar minha pesquisa no IMIP, me senti afinada há alguns relatos de pessoas que buscam o serviço. No meu caso, era como se as barreiras burocráticas e também humanas estivessem tentando dificultar a minha entrada no campo de pesquisa. Não me senti bem com tal situação, temi não conseguir a autorização necessária para cuidar, naquele local, daquilo que eu desejava fazer: conhecer a experiência de homens que são visitados pela infertilidade”.

Nesse momento, continuando o processo compreensivo da experiência de homens (in)férteis, dialogo com o “Heidegger da virada”, quando tematiza o horizonte histórico em que nos situamos, enfatizando a crítica sobre a essência da técnica. Acompanhando seu modo de pensar, percebo as brechas para outro modo de pensar, partindo da reflexão sobre as “consequências destrutivas do fazer tecnocientífico e suas repercussões no esquecimento do ser, colocando em risco a existência do homem” (Barreto, 2013, p.28).

Dentro dessa perspectiva, afetada pela experiência dos sujeitos pesquisados, compreendi, a partir de suas falas, a necessidade e eficácia dos procedimentos técnicos para se ter um filho. Tal dimensão revela o lado “positivo” da técnica: como um instrumento à mão, conjunto de meios, à serviço do homem e da ciência, para alcançar um fim. Nessa direção, os colaboradores narram:

“Se a infertilidade fosse uma coisa que não tem jeito, mas eu sei que tem vários meios, por isso estou tranquilo” (Jan).

“Os médicos sabem...! Tenho que aceitar o que eles querem; é o que devo fazer” (Luiz).

“As pessoas que trabalham no IMIP estão envolvidas direta e indiretamente para o nascimento do nosso filho! [...] Eu tenho esse hospital como uma referência...”

peças da minha família já foram tratadas aqui... os médicos são de qualidade! Isso faz com que a gente tenha mais fé, certeza de que vai dá certo!” (Paulo).

Os interlocutores acolhem os procedimentos tecnológicos ao dizerem “sim” a técnica. Mas, conseguiriam eles, dizer “não” ao aparato protocolar burocrático que atravessa sua experiência e os retira do lugar de apropriação de tal vivência? Parece não haver lugar de acolhimento e cuidado para essa dimensão da existência humana.

No entanto, há certa relação de confiabilidade com a técnica reprodutiva aparentando deixá-los numa posição de segurança a respeito do que fazer (exames, cirurgias, medicações) e do que aguardar do porvir (um filho como resultado). Mais uma vez a técnica ocupa o único lugar possível para quem deseja ter filhos, torna-se hegemônica e estende suas garras na tradição das famílias.

Cabe ressaltar que esse lugar é também importante, como bem expressa **Paulo**, ao narrar a confiança cultivada pela família com relação ao hospital no qual realiza os procedimentos. O perigo está em não colocar em xeque essa tradição com as experiências atuais e assumi-las como pertencentes a um tempo imutável.

Aqui cabe abrir um diálogo com Gadamer (2012), quando aponta a tradição não como algo externo, pertencente ao passado, mas uma força viva da qual não se pode escapar. Partindo dessa perspectiva, **Paulo** acredita que estar no IMIP, instituição tida, por sua tradição familiar, enquanto detentora do saber científico médico bem sucedido, legitima sua fé na concretização do seu objetivo parental.

Tal disposição afetiva aberta pela tradição é relevante, pois se apresenta como horizonte pelo qual compreendemos as coisas, o mundo e as pessoas. Simultaneamente, a possibilidade de interrogar pressupostos e, com isso, chegar a outras possibilidades compreensivas revela-se importante. Em se tratando de saúde, certamente os homens que buscam os serviços de Reprodução Humana não são meros receptores dos conhecimentos técnicos: sabem de si, tem compreensões próprias sobre a sua condição de infértil e dor; vislumbram possibilidades de cuidado; tem fé, crenças e sabedoria de vida. Essa outra dimensão de tradição, que atravessa pensamentos e atitudes, precisa ser considerada para o desenho de um projeto de cuidado.

Ao lado dessas reflexões, retomo o diálogo com Heidegger (1959), principalmente quando aponta para outra possibilidade de lidar com a destinação técnica, qual seja: uma atitude desprovida de certeza, aberta ao mistério, suscitando outros sentidos possíveis para a existência do homem moderno. Nesse sentido, cabe apontar que, a partir da minha experiência no campo de investigação da presente temática, visualizo como expectativa a possibilidade de

que alguns homens consigam subverter as técnicas reprodutivas a fim de poder se servir dela de outro modo, distante da redução a um “corpo objeto” e manipulável.

Seguindo o fio condutor da conversação, mas ressaltando outra possibilidade compreensiva, Ramírez-Gálvez (2003) sinaliza que as técnicas reprodutivas são compreendidas enquanto ferramentas propostas para produção de bebês. Esse “milagre” é realizado a despeito das causas da infertilidade e das implicações ético morais, sociais e de saúde decorrentes do uso de tais tecnologias. Nessa perspectiva, perde-se de vista a dimensão da experiência e vivência parental, enfraquecidas frente ao projeto de transferência e perpetuação genética, associada ao “projeto contemporâneo de experiências e realizações biotecnológicas, no qual se inscreve exacerbação e valorização da verdade genética” (p. 83), norteadas pelos valores biomédicos.

Esse debate também assinala a possibilidade reflexiva acerca da ciência e seu lugar de destaque na “resolução” de problemas. Tal abertura me provoca uma sensação de desconforto ao saber que, possivelmente, com apontamentos naturalizantes, o conhecimento científico busca explicação das diversas dimensões da vida, como por exemplo, nas relações de parentesco. Para além disso, as inovações tecnológicas produzem efeitos materiais como o “enaltecimento do progresso científico e tecnológico ligado à ideia de bem estar, a importância do desejo de reprodução e à demarcação de limites à manipulação da vida humana” (Ramírez-Gálvez, 2003, p. 06). É possível encontrar paralelos entre o modo capitalista de produção e a maneira “científica de reprodução”, salientando a tendência de transformar questões sociais em biomédicas. As tecnologias reprodutivas não apenas produzem bebês, mas também envolvem e “fabricam” questões relativas à paternidade e aos arranjos familiares; bem como à política, à ética e às finanças.

Ainda no anseio de compreender o fenômeno da técnica no âmbito da Reprodução Assistida, recorro às contribuições de Torres (2012), quando sinaliza acerca da desigualdade de acesso às referidas tecnologias. Aqueles que tem maiores condições financeiras pagam “qualquer preço” por um tratamento em clínicas privadas. Em contrapartida, a quem não possui tal condição, apresenta-se dois caminhos: vender algum bem para custear o tratamento ou esperar por atendimento nos serviços públicos de saúde. Fazendo eco a essas questões **Luiz** reporta-se a sua experiência, destacando:

“Eu fiz alguns exames na clínica particular para agilizar o tratamento”.

As falas de **Heitor** e **Jan** se aproximam da narrativa de **Luiz** acerca do desejo de querer investir financeiramente no projeto parental, porém tomam distância ao passo que ambos revelam limitações socioeconômicas:

“Já que a gente não pode fazer o tratamento particular, estamos aqui” (Heitor).

“Estamos esperando a nossa vez chegar, mas se eu tivesse condições financeiras eu já tinha feito os procedimentos de reprodução na clínica particular. É caro para caramba, mas se eu tivesse um bem me desfazia dele” (Jan).

Os depoimentos dos colaboradores da pesquisa também apontam para obstáculos concretos para os quais buscam solução dentro de sua condição de vida, na tentativa de continuar investindo em um projeto maior: “ser pai”. Em nome desse projeto, tentam encontrar saídas para horários, distância, compromissos assumidos; como pode ser visto nas narrativas abaixo:

“É complicado ter que vir ao IMIP com frequência porque eu moro no interior. Tem dia que saio às quatro horas da manhã de casa para chegar no horário marcado” (Jan).

“Se tiver que cumprir as dez etapas a gente vai as dez! Se tiver um trabalho eu cancelo, pois a prioridade é estar aqui!” (Heitor)

“Eu tenho quarenta anos de idade e já sofri acidente de caminhão, carreta, moto, mas nunca tive uma lesão, nem tenho cicatriz no corpo...! Nunca tive problema com nada de saúde e de repente eu me vejo passando por uma bateria de exames! Apesar de achar horrível tive que tirar umas dez ampolas para realizar os exames. [...] Eu fico constrangido! Quando a gente quer se submete a tantas coisas... deixa o orgulho de lado, a vergonha!” (Paulo)

Essas narrativas me remeteram a figura de um atleta correndo em direção à linha de chegada; contudo, na busca da coroação, ele encontra alguns empecilhos. Tal metáfora, bem como os depoimentos acima, me envolveram na sensação de que o caminho na busca de ter um filho não é fácil: é preciso coragem e perseverança! São renúncias a serem realizadas (acordar na madrugada e faltar o trabalho para não perder a consulta marcada, ser submetido a exames e procedimentos mesmo achando constrangedor) em prol de um projeto parental. As considerações tecidas acima são norteadas pela perspectiva de sentido como “rumo que apela, [...] solicitação que se faz ouvir, um apelo obstinado que se insinua e persegue” (Critelli, 2007, p.146). Trazendo tal compreensão para o âmbito da infertilidade, cuidando de ser, os homens colaboradores desse estudo destinaram-se “ser pai”, dimensão de sentido que os aproximou do cotidiano da Reprodução Assistida, bem como de suas facilidades/dificuldades e desafios.

O depoimento de **Paulo** traz à tona, mais uma vez, a dimensão de sofrimento e remete ao fenômeno do cuidado da saúde do homem. A experiência narrada revela os “primeiros passos” do interlocutor no campo da saúde, me fazendo questionar a respeito dos motivos que tornam os homens mais vulneráveis do que as mulheres no tocante às questões relacionadas à sua própria saúde. Nesse sentido, é *mister* considerar a recente publicação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem – PNAISH (Brasil, 2009) enquanto relevante na consolidação desse objetivo. Ainda estamos começando a perceber/visualizar suas ressonâncias, tanto no âmbito científico, com o crescimento de publicações relacionadas à temática, quanto no plano das práticas em saúde, com a paulatina inserção de ações voltadas à população masculina no cotidiano dos serviços assistenciais.

Além das considerações acima mencionadas, a fala de **Paulo** também desvela um corpo sofrido, machucado e manipulado por procedimentos invasivos. Também fala da experiência de um corpo “constrangido”, que perdeu o “orgulho” em prol do projeto de ser pai. Esse lamento não é escutado pela equipe e é somente sussurrado por ele, pois não se atreve a questionar sobre os procedimentos, submete-se apesar de sofrer. Tal situação de submissão não encontra eco nos processos técnicos de Reprodução Assistida: os fluidos corporais estão constantemente sob supervisão e diagnóstico, é feita a contagem e a medição dos folículos, o controle ou o estímulo dos hormônios a partir da dose adequada de medicação. O homem, por exemplo, precisa submeter o seu sêmen à análise, através do espermograma. Para realização desse exame, o casal é instruído a não ter relações sexuais por três a cinco dias antes do espermograma, no intuito de garantir uma padronização para se avaliar a qualidade do sêmen.

Via isso acontecer nos corredores do serviço de Reprodução Assistida do IMIP, mas não havia indicação de reconhecimento e apropriação (existia apenas incômodo) pelos homens de como o corpo deles estava sendo manipulado pela técnica Reprodutiva Assistida. O diálogo com a narrativa de **Paulo** nos ajuda a compreender o quanto foi doloroso e humilhante a experiência, bem como suscita questões: será que o processo não poderia ser vivido de outro modo, caso esses homens tivessem um espaço de escuta e até de esclarecimento sobre os procedimentos, com a abertura da possibilidade de assumir o tratamento?

Fica a marca da dor no “corpo” expressa na narrativa de **Paulo**:

“Eu conheço pessoas que desistiram no meio do tratamento, começando pela realização do espermograma que, para mim, foi algo novo. Tive que fazer dois, a pulso, mas fiz! Quando voltei da sala do exame eu peguei as minhas coisas e sai correndo pela escada! Depois tive que ser submetido a um ultrassom da bolsa

escrotal... foi quando ele detectou a correção de varicocele e marcou essa cirurgia!”.

Ao longo da nossa conversa, quase sem se dar conta da importância maior disso, **Paulo** foi construindo um sentido, a partir da (re)visitação de vivências no ambulatório de Reprodução Humana Assistida. Tal possibilidade foi aberta pelo modo como me coloquei na narrativa, possibilitando que algo acontecesse na direção de elaboração/apropriação do vivido. Aqui convido Benjamin (1985) para dialogar, ressaltando a importância da narrativa como condição para a elaboração e apropriação do vivido.

Caminhando nessa direção, reconheço com Heidegger, sinalizado por Dantas e Carreiro (2009), a importância da apropriação da experiência ao possibilitar um “trânsito existencial”, sair do próprio lugar, com o possível questionamento e até rompimento das referências prévias, as quais buscam o controle do sofrimento frente à angústia. A narrativa, ao favorecer a apropriação da experiência e abrir caminho para outras possibilidades já presentes, mobiliza angústia e, diante desta experiência de desamparo, muitas vezes, somos chamados a retomar a margem do rio conhecida e não ousamos atravessar a nado um rio caudaloso. Será que mergulhar no rio seria tão arriscado ou poderíamos ousar tal ação, sabendo que precisaríamos acolher o medo de não mais existir? Dito de outro modo; poderíamos recuar o chamado da angústia ou aceitar e suportar a tensão de abertura sinalizada por essa disposição afetiva.

Continuando com **Paulo** e mais uma vez escutando a dor da “invasão” sofrida no corpo, ele narra:

“Vim fazer alguns exames e quando cheguei na sala o médico pediu para eu tirar a roupa na frente da médica residente!”

Afetada por tal sofrimento sou levada a refletir com Pompeia e Sapienza (2011), quando sinalizam que a corporeidade, ao mesmo tempo, atesta a nossa permanente exposição ao outro – o não poder se ocultar –, e se refere ao particular do corpo que somos. Diante de tal compreensão e ainda sob o impacto da narrativa de **Paulo**, infelizmente, constato que o corpo, para muitos profissionais de saúde, parece constituir extensões da tecnologia. Assim sendo, as equipes com atenção focada na técnica, falam sobre pessoas, mas raramente com as pessoas; se ocupam do corpo material, afastado da existência.

Seguindo o fio condutor da conversação, em nossa cultura persiste um apelo social e familiar para a existência de filhos entre os casais. Sua ausência comumente é tratada com

espanto e prescrições, as quais reforçam a culpabilização/anormalidade do casal pela não ocorrência da gravidez.

Diante de tal tradição cultural, **Heitor**, ao expressar sua experiência frente aos procedimentos da Reprodução Assistida, fala de como percebe seu corpo:

“Eu sinto o meu corpo normal! Fora a minha fraca quantidade de espermatozoide, é normal! Só esse problema mesmo que espero que seja resolvido”.

Vivência semelhante é relatada por **Carlos**:

“Eu acho tranquilo os procedimentos que faço no meu corpo. Já passei por uma cirurgia de varicocele porque as veias dos meus testículos são dilatadas. Já fiz no lado esquerdo e provavelmente vou fazer no direito”.

Surpreendi-me diante de tais relatos, pois ambas as experiências sinalizam para um corpo dissociado da existência da infertilidade. As vivências narradas podem ser compreendidas como reflexo da condição a que o corpo dos homens é submetido, reduzido a uma “morada” infértil, a qual pode ser solucionada por procedimentos técnicos.

O sofrimento existencial decorrente dessa condição não é acolhido nem pela equipe, nem pelos homens, os quais também dicotomizam a experiência vivida pelo corpo (in)fértil. Essa perspectiva é estimulada e propagada pelo universo da tecnologia da reprodução, no qual o corpo ganhou conotação de maquinário, conforme observa Castro (2011), Costa (2002), Ribeiro (2007).

Tomada por tal possibilidade compreensiva, recorro a Heidegger (1959) e me deparo com o modo de pensar técnico-calculante, o qual encontra em nosso tempo o seu apogeu, ao buscar a previsibilidade e o controle. Esse modo de pensar, vigente na contemporaneidade, nos apresenta e ao outro como se fossemos mais uma engrenagem a ser aperfeiçoada e corrigida. Como hegemônico não seria preponderante para que os procedimentos técnicos possam ser executados na busca da resolução e da eficácia? Esse espírito, também não estaria presente na experiência dos homens que sofrem os procedimentos, mas não conseguem “reclamar” nem assumir certos incômodos, dominados pelo fazer técnico?

Nessa linha de força, o discurso médico e as práticas a ele associadas centram-se no intercâmbio óvulo/espermatozoides e na produção de embriões. Ao priorizar o tratamento do corpo biológico, o humano aparenta perder o foco e ser reduzido ao fornecimento de gametas, matéria-prima para a transformação operada por terceiros. Tal panorama me leva a questionar acerca do imperativo da técnica na experiência vivida pelos homens submetidos aos procedimentos de Reprodução Assistida.

Na tentativa de encontrar uma possível compreensão para tal fenômeno, dialogo com Michelazzo (2004) e acompanho o modo como apresenta a ideia de objetificação e representação do corpo, desde Descartes. Indo nessa direção, e ao mesmo tempo questionando-a, Heidegger (2009) distancia-se do pensamento cartesiano, pautado na concepção do corpo como pertencente à matéria e rompe com o dualismo mente-corpo, ao apresentar a noção de corporeidade como um existencial. No entanto, as ciências só conseguiram se desenvolver ao lançar mão dos pressupostos da objetividade, ficando a experiência subjetiva considerada como secundária. Esta situação complexa parece estar presente no modo como o corpo humano é tematizado na Reprodução Assistida, tanto pelos médicos como pelos homens que se submetem aos procedimentos.

Diante de tal reflexão, me pergunto se o corpo, compreendido como objeto a ser manipulado, não estaria submetido a dimensão técnica, tornando-se alvo de exploração? Esse modo de pensar fundamenta a nossa época na qual tudo pode ser produzido para trazer facilidades e bem-estar, desconsiderando os mistérios dos acontecimentos da vida, os quais permanecem encobertos por não se submeterem às regras do pensamento calculador.

O que clama por atenção e provoca preocupação é o reconhecimento da técnica como um produto disponível no mercado. Tal lógica faz-se notar nos anúncios de Reprodução Assistida, os quais advertem sua disponibilidade em ajudar e/ou garantir a parentalidade. Essa perspectiva pode ser considerada como “natural”, uma vez que as fronteiras do ciclo reprodutivo são ampliadas a fim de consentir a reprodução até mesmo de mulheres com mais idade, as quais estão, por exemplo, na menopausa?

Diante de tal constatação, apreendemos a destinação do modo de pensar calculante, vivida sem reflexão e apresentada, na história da humanidade, como um caminho sem volta (Duarte, 2010). Apesar da sua utilidade e representação de poder, as estratégias de controle sobre o corpo, realizadas pelos médicos, por vezes, não apresentam o resultado previsto: a produção de um corpo grávido.

Tal limitação da técnica foi vivida por **Paulo** como decepção e frustração:

“O mês passado a médica detectou uma coisa positiva no útero da minha esposa... foi um momento de animação dentro da sala! Passaram-se cinco dias e quando estava marcado para fazer o exame de gravidez a menstruação veio! Foi um balde de água fria nas nossas expectativas!”

Afetada por tal experiência, encontro ressonância com o pensamento de Pompeia e Sapienza (2011, p. 83) ao salientarem que “a corporeidade evidencia a experiência de precisar sujeitar-se e limitar-se ao que é possível aos humanos”. Esse não poder tudo pode ser

percebido quando uma criança, por exemplo, estica seu braço em direção a determinado objeto e não consegue alcançá-lo. A experiência da limitação se desdobra também no corpo infértil, o qual diz “não” ao projeto parental.

Continuando na trilha da Reprodução Humana, o avanço das técnicas abriu caminhos para uma possível substituição das relações sexuais por intervenções médicas. Sob esse ângulo, observo que a fecundidade outrora vista nas relações heterossexuais, atualmente, pode acontecer em clínicas, com a mediação da tecnologia e do saber científico.

A experiência narrada por **Paulo** já aponta para a possibilidade de “inspeção” das relações sexuais, revelando o incômodo diante de tal procedimento:

“Já fizeram monitoramento da nossa relação sexual. A médica dizia as datas, por exemplo, três dias seguidos no final de semana e na segunda-feira minha esposa vinha ao hospital para o monitoramento médico! Ela via se minha esposa estava ovulando... como o útero estava! A gente até se resguardava alguns dias antes da data marcada para se preparar... era como se fosse uma lua de mel forçada!”

Esse depoimento me direciona para a pesquisa de Barbosa (2000), ao discorrer sobre a provocação dos sofisticados procedimentos de Reprodução Assistida no corpo, podendo separar a sexualidade da reprodução e introduzir outros atores sociais na relação sexual. Diante da revelação de **Paulo**, por um tempo, fiquei envolta desconfortável ao perceber que sua experiência aponta para o corpo enquanto materialidade, objeto de manipulação médica com data estabelecida para ter relações sexuais com sua esposa e dia para verificação do resultado da sua “lua de mel forçada”.

O controle técnico-científico sobre o corpo é exercido em um tempo biológico determinado e linear. Tal compreensão é confrontada pelo pensamento heideggeriano (2009), ao considerar a temporalidade como constitutiva do *Dasein* – é no ser-aí que o tempo se dá, tempo em que presente, passado e futuro se alçam reciprocamente. No horizonte da temporalidade, o existir suporta e abre as possibilidades do *Dasein* constituir-se em diversos “momentos” no tempo: nascimento, crescimento, envelhecimento, finitude e possibilidade de não ser.

Nessa direção, mediante às narrativas de **Jan** e **Carlos**, um ponto cabível é relativo à idade. Tendo isso se revelado, a partir do horizonte da temporalidade, como uma sombra constantemente presente no cotidiano de algumas pessoas com quem tive contato. O tempo cronológico é experienciado como um limite real, em descompasso com o tempo vivido no projeto de ser pai:

“Tenho 39 anos e minha esposa diz que os nossos filhos serão nossos netos e eu digo que não tem problema” (Jan).

“O sonho de todo mundo é ser pai. Eu já tive esse sonho grande, mas hoje eu estou com 45 anos e fico desesperançoso” (Carlos).

O modo como esses homens encaram a questão da idade se assemelha à experiência vivenciada com um grupo de mulheres, as quais estavam na fila de ovodoação – recorre-se a esse procedimento quando há a necessidade de doação de óvulos.

A afetação diante de tal experiência aparece no relato do meu diário de bordo:

“Elas receberam uma carta-convite, a fim de comparecerem no serviço de Reprodução Assistida. Na ocasião, foram comunicadas que o processo de ovodoação não seria oferecido pela instituição. Eram mulheres entre 42 e 49 anos, as quais apresentavam impossibilidade biológica de engravidar. Dentre outros assuntos me chamou a atenção o relato das mesmas a respeito do aumento da idade como acentuado dificultador para a gestação. O corpo – na linguagem dos folículos, óvulos e hormônios – não tinha, segundo os procedimentos médicos realizados, as condições necessárias para ser um “habitat gestacional” [...] Aquelas mulheres que perseveravam anos por um bebê, as palavras medidas e cuidadosas da psiquiatra – as quais estavam encarregadas de comunicar que a remota esperança médica restante para tais mulheres, a partir de então, inexistirá – me provocaram tristeza e pena por saber que provavelmente elas não conseguirão a maternidade tão almejada; com isso, ao meu ver, o abismo entre o sonho e a realidade se alargou”.

Além da questão do tempo, outra dimensão a ser considerada é referente à espiritualidade. As narrativas dos colaboradores revelaram, em unanimidade, o fenômeno da espiritualidade, ou seja, a relação da humanidade do homem e da divindade do sagrado. Parece que, no caminho da experiência de infertilidade ou quando a técnica falha, o sagrado pode ser uma ajuda, um paliativo para uma espera sem tempo:

“Coloco na cabeça que a nossa hora vai chegar e tenho fé em Deus. Sei que Ele está vendo o nosso esforço” (Jan).

“Eu estou tranquilo... a providência é divina, não é? Se for da vontade de Deus vamos ter o nosso filho. Ele me ajudando eu encho a casa de crianças” (Heitor).

“Eu sou uma pessoa evangélica e o tratamento não me atingiu em nada; só em termos de trabalho que eu paro um pouco para fazer os exames” (Luiz).

“Sou muito religioso... aí fico pensando: será que eu mereço ser pai?” (Carlos).

“Eu vejo a medicina, mas também o lado espiritual!” (Paulo).

Há vários desdobramentos possíveis de reflexão nas narrativas acima alocadas; todavia, para o objetivo dessa pesquisa, enfatizo a ligação do fenômeno da espiritualidade com a saúde. Como constitutiva da existência humana, a dimensão da espiritualidade foi, ao longo dos tempos, esquecida no tocante aos cuidados à saúde (Gadamer, 2011; Torres, 2012).

Nessa direção, me pergunto se, no contexto de credulidade e busca de manifestações religiosas existente no Brasil, é possível desconsiderar tal fenômeno? Será que por receio de não saber lidar com o implacável, intangível, os profissionais de serviços de assistência à saúde insistem e resistem em afastar a dimensão espiritual como constituinte do humano? E mais, sabendo que somente o tecnicismo não abarca todas as dimensões do sofrimento humano, a dimensão espiritual pode ser um modo de lidar com tal sofrimento e, nesse sentido, precisa ser acolhida pelos profissionais de saúde.

As experiências narradas pelos colaboradores me instigaram a perceber a importância de promover debates sobre possibilidades de acolhimento dessa dimensão do existir em serviços de atenção à saúde, de modo a favorecer um cuidado mais abrangente. **Jan, Heitor, Luiz, Paulo e Carlos** parecem apontar, não obstante à soberania da técnica, a qual contribuiu para o desenraizamento do sagrado, a espiritualidade se faz presente em suas tradições, assumindo sentidos singulares para cada um. Por exemplo, a fé, como possibilidade de fortalecimento e sustentação, que os narradores expressam ter, diz respeito a crenças e valores atribuídos a Deus, ao acreditar que Ele está atento ao sofrimento, esforço e espera dos colaboradores da pesquisa, bem como irá responder, de modo positivo e no tempo oportuno, às petições.

Por fim, a narrativa de **Carlos**, trouxe à tona o fio de sentido adotado durante o fazer desta investigação: seu caráter interventivo.

“Foi boa essa conversa... eu nunca tinha falado com meus colegas sobre isso! Com eles eu fico retraído... na defensiva! E com você foi muito bom!”

Ao ouvir tais palavras compreendi como uma pesquisa de cunho fenomenológico existencial pode revelar-se enquanto intervenção clínica, contribuindo para a apropriação da experiência pelos participantes. Nessa dimensão, apresenta-se muito além de uma simples coleta de informações e sondagem de opinião, ao possibilitar o encaminhar de outros modos de estar na situação.

Ao concluir, de modo inconcluso, algumas possibilidades compreensivas sobre a experiência de homens na condição de infertilidade, aponto a complexidade desta temática e a relevância de discussões que a envolvem e problematizem, tais como: saúde do homem no âmbito da Reprodução Assistida, burocracia e morosidade dos serviços, supremacia da técnica e suas ressonâncias nos envolvidos, dicotomização do corpo, espiritualidade e a importância de um acolhimento psicológico a essa demanda.

IV – POSSIBILIDADES COMPREENSIVAS ... ENCAMINHANDO QUESTÕES

*“Enquanto eu tiver perguntas e não houver repostas...
Continuarei a escrever”
(Clarice Lispector)*

Antes das considerações finais, cabe retomar brevemente o caminho percorrido neste estudo com vistas a contextualizar as discussões necessárias para possibilitar a compreensão da experiência de homens que vivenciam a infertilidade.

A masculinidade foi e ainda apresenta-se restrita a um conceito hegemônico, o qual explica e normatiza o homem em termos de herança genética e social. Na contramão deste pensamento, sabendo que o ser humano escapa à possibilidade de mensuração e apreensão determinística, foi adotada, na presente pesquisa, a compreensão de masculinidades enquanto condição humana, acolhendo a multiplicidade própria do *Dasein* homem.

Tal apontamento abre passagem para outro eixo condutor desta investigação: a infertilidade, questão de saúde pública que mostra-se crescente na contemporaneidade. Diante deste panorama, as técnicas de Reprodução Humana Assistida foram desenvolvidas com o fim maior de garantir a gestação. Dentre muitas repercussões de tal avanço científico, ressalta-se o deslocamento da reprodução do contexto familiar/privado para o laboratório com a participação de uma equipe médica e mediações econômicas.

Implicada com as questões acima referidas, fui mobilizada a pesquisar este universo amplo, complexo, relevante e atual. No lugar de semeadora, realizei travessias e encontrei um solo fértil para questionar, me apropriar de algumas escolhas e acompanhar a experiência dos colaboradores, os quais, na busca pela parentalidade, encontram-se limitados frente à condição de infertilidade.

Seguindo o fio condutor desta conversação, importa lembrar que a perspectiva fenomenológica existencial, tendo como “patrono” Heidegger, me orientou na compreensão hermenêutica dos textos lidos, na realização e análise interpretativa das entrevistas; bem como norteou as experiências vivenciadas no IMIP – *locus* da pesquisa.

Encaminhando este relato pelas marcas das narrativas colhidas – tanto do diário de bordo, quanto das entrevistas – importa ressaltar que o fenômeno estudado na presente investigação é inesgotável, relevando seu movimento de velamento e desvelamento dos

significados possíveis, assim como sua abertura, condição para distintas possibilidades interpretativas e linhas outras de questionamentos.

Na tentativa de compreender a experiência de homens (in)férteis inicialmente descortina-se o tímido envolvimento dos mesmos no âmbito de Reprodução Humana Assistida – condição revelada na escassa informação a respeito do tratamento e no pouco engajamento/apropriação, emergido via narrativa. De outro modo, a situação da infertilidade proporcionou aos interlocutores deste estudo olharem para a sua saúde, mesmo que timidamente, e participarem da rotina de um serviço de saúde – exames, consultas, burocracia, espera, exposição do corpo.

Outra questão ressaltada é referente a vinculação negativa acerca da infertilidade. Esta condição põe em xeque o projeto parental e é vivenciada com o tom afetivo paradoxal de sofrimento, desconforto, incerteza e esperança, fé, investimento. Ao lado destas considerações e tendo como parâmetro o filho enquanto vitrine da virilidade/masculinidade, a infertilidade ganhou um caráter estigmatizante e patológico.

Aproximando-se desta via compreensiva, a possibilidade de procriação fora dos “moldes naturais” foi revelada com certa estranheza. No cenário da Reprodução Assistida, os colaboradores expressaram a força dos laços sanguíneos, acenando timidamente a adoção como escape para a não concretização do sonho biológico parental.

Nesta direção, a técnica se levanta como uma rainha investindo na aspiração de gerar um filho. De um lado assiste-se a um mercado, com altos custos e que alcança a condição socioeconômica de poucos, e de outro vislumbra-se clientes da “cegonha tecnológica”, inclinados a investir financeiramente ou submetidos às tecnologias a fim de alcançar o objetivo de ter um bebê.

Em meio aos requisitos da compulsão técnica, a dimensão da espiritualidade apresentou-se como fenômeno de questionamento no cenário da Reprodução Assistida. A espiritualidade, manifesta pela religiosidade, foi apresentada como possibilitando fé para lidar e enfrentar as demandas solicitadas na condição de infertilidade. Esta experiência de abertura ao mistério foi relatada enquanto benéfica e fortalecedora, assegurando uma vivência mais tranquila frente aos diversos esforços e empecilhos encontrados no tratamento.

No âmbito das tecnologias reprodutivas, o corpo, morada da infertilidade, mostrou-se objeto do saber médico, matéria-prima supervisionada, diagnosticada e aperfeiçoada. Esse modo de pensar calculante sinaliza a dissociação corporeidade/ existência e lança luz para a desvalorização da experiência humana, propagada na contemporaneidade.

Continuando nesta linha de reflexão, não se pode desconsiderar a técnica e seu valor para a concretização do projeto parental, contudo cabe analisar criticamente a escassa reflexão tanto da Psicologia quanto de outros saberes a esse respeito. Acrescenta-se que a técnica em si não pode pensar acerca da experiência de homens que vivenciam a infertilidade. Por essa via, a não tematização desse fenômeno abre brechas para o questionamento do fazer técnico-científico em favor do mistério da vida.

Neste rastro compreensivo, em meio a presente época, sobrepujada pela previsão e mensuração, pode-se apontar um caminho de reflexão sobre a técnica moderna, de resgate a experiência daquilo que é mais essencial ao homem, sua abertura ao ser. Em tal direção, a disposição afetiva de serenidade possibilitaria um modo de ser livre e aberto ao mistério. Assim, ao modo de Heidegger (1959), não se pretende negar a técnica, mas apontar a possibilidade de dizer “sim” e “não” simultaneamente.

Retomando a questão da serenidade, na tentativa de refletir a respeito da experiência de homens (in)férteis, é possível dizer “sim” porque a utilização da técnica é inevitável no âmbito da Reprodução Assistida. Ao mesmo tempo é plausível dizer “não”, impedindo que os aparatos tecnológicos absorvam e, desse modo, escravizem e esgotem a condição humana.

Seguindo essa compreensão, Critelli (2002, p.88), poeticamente, expressa:

Ouvir esse outro chamado implicaria que pudéssemos estar livres desse hábito, desgarrados dele. Ouvir outro chamado e descobrir outra possibilidade para nosso destino histórico, outra possibilidade para cuidarmos do ser exige uma passagem pelo silêncio. Exige uma parada no vazio, onde se possam esmorecer as determinações, os vícios da técnica, as explicações da ciência... Ouvir um outro chamado significa tampar os ouvidos para o mesmo, para o que já se sabe. Ficar em silêncio. E o silêncio é passagem. Tempo de esvaziamento e disponibilidade para a nova palavra, para a nova luz, para o novo apelo. O novo caminho para o Ocidente é a abertura para o que lhe é inaudito e desconhecido. Especificar esse inaudito é impossível, exatamente por ele ser inaudito. Por isso o gosto e o cheiro de aventura que exala.

Abrir-se para o inaudito demanda o encargo por nós mesmos, pela responsabilidade de sermos “pastores do ser”, de cuidarmos da humanidade, aceitarmos o auxílio da técnica, porém não o seu domínio. Para tanto, temos o inusitado como condição: andarmos às escuras, pisarmos no chão da insegurança e não em terrenos firmes, com um percurso previamente determinado.

Considerando os escritos acima referidos, pode-se entender que não é possível fugir do tempo em que nos foi dado a viver. Conquanto, pertencer verdadeiramente à contemporaneidade é estar nela, e, ao mesmo tempo tomar distância. Não se deixar ensurdecer pelos ruídos das exigências públicas, dentre as quais importa situar: a publicidade do corpo e sua transformação em objeto laboratorial, a mercantilização da vida, a negação da espiritualidade, a força do discurso biologizante sobre a procriação, a hegemonia do saber científico, assim como a tentativa empreitada pela técnica mecanizada de tamponar a angústia e de tardar ou, se possível, tentar evitar a finitude de algum projeto. O exercício de meditar sobre o sentido que reina em tudo o que existe encontra-se arriscado a desaparecer em face da primazia dos interesses em voga, por isso os contemporâneos são raros.

Para além de tudo isso o que se apresenta? Quais sementes podem ser lançadas a fim de dar prosseguimento a “experiências férteis” no âmbito da pesquisa acadêmica?

Tomada pela experiência vivida passo a refletir, como gatilho para futuras investigações, sobre a ação do psicólogo nos serviços de Reprodução Assistida.

Ao passo que alguns homens entrevistados (re)clamavam por um (re)destinar-se acerca da sua história, esta “semeadura” me direcionou a refletir com relação a singularidade germinativa da pesquisa de cunho fenomenológico existencial, bem como da prática psicológica clínica enquanto lugar de acolhimento, escuta e colaboração.

A vivência no IMIP revelou que, apesar de muitas pessoas não recorrerem ao acompanhamento psicológico, reconhecem sua relevância e necessidade, visto a condição de desamparo e angústia, a qual muitos se deparam. Nesta direção, como a prática psicológica clínica pode contribuir para a vivência frente à infertilidade? O questionamento do saber técnico pode cooperar para uma ação clínica diferenciada junto às pessoas que transitam pelo território da Reprodução Assistida? Se sim, qual seria a perspectiva mais interessante para realização deste rompimento? Será que a Fenomenologia Existencial auxiliaria nesta tarefa?

Por esta ótica, cabe refletir acerca da ação dos psicólogos nos centros de Reprodução Humana Assistida. Diante de tais considerações ousou dizer que o psicólogo, para além de uma prática de investigação, avaliação e seleção de pessoas que estão aptas a adentrarem e permanecerem no tratamento, pode contribuir com atenção e acolhimento para com àqueles que, possivelmente, almejam dar fecundidade aos seus desejos parentais.

A diferença se mostra na atitude do psicólogo junto aos pacientes em variadas situações. Dito de outro modo e apontando para o âmbito desta pesquisa, seria colocar-se junto aos homens que vivenciam a infertilidade acolhendo o des-velar de possibilidades

compreensivas a respeito do sentido de ter ou não um filho, bem como interrogar suas expectativas, temores. Para me aproximar reflexivamente de tal reflexão, necessitei ver e ouvir os fenômenos como se mostraram, e sobretudo, me perguntei pelo modo como me portava no fazer desta pesquisa, como me disponibilizava afetivamente, assumindo a atitude fenomenológica de questionar e “despir-me” do sabido.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos.
- Aun, H. A.; Morato, H. T. P. (2009). Atenção Psicológica em Instituição: Plantão Psicológico como Cartografia Clínica. *In: Morato, H. T. P.; Barreto, C. L. B. T.; Nunes, A. P. Aconselhamento Psicológico numa Perspectiva Fenomenológica Existencial: uma introdução* (pp.123-138). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Almeida, D. Di M. de. (2002). Corpo e existência: contra um duplo esquecimento dos corpos. *In: Castro, D. S. de; Poklladeck, D. D.; Ázar, F. P.; Piccino, J. D.; Josgrilberg, R. de. S.; (orgs). Corpo e Existência* (pp. 101-114). São Paulo: Metodista.
- Arilha, M. (2010). *Nações Unidas, população e gênero: homens em perspectiva*. Jundiaí: In House.
- Barbosa, R. M. (2000). Reflexões de gênero, infertilidade e novas tecnologias reprodutivas. *Estudos Feministas*. vol. 08. n. 01. pp. 212-228.
- Barreto, C. L. B. T. (2013). Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger: da ontologia fundamental à questão da técnica. *In: Barreto, C. L. B. T.; Morato, H. T. P.; Caldas, M. T. Prática psicológica na perspectiva fenomenológica* (pp.27-50). Curitiba: Juruá.
- Bauman, Z. (2011). *Vidas em fragmento: sobre ética pós-moderna*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Benjamin, W. (1984). *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, W. (1985). *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- Borgis, G. D. J. B. (2011). *Falas de Homens: A construção da subjetividade masculina*. São Paulo: Annablume.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Brasil. (2009). *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem*. Brasília,

maio de 2009. Disponível em:
<portal.saude.gov.br/portal/.../politica_nacional_atencao_integral.pdf>.

Castro, W. R. (2011). *Representações sociais das profissionais de saúde que trabalham com Reprodução Humana: um olhar sobre a infertilidade no homem*. Dissertação de Mestrado, Escola de Enfermagem Anna Nery – Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro.

Costa, R. G. (2002). *Concepção de filhos, concepções de pai: algumas reflexões sobre reprodução e gênero*. Tese de Doutorado, Departamento de Ciências Sociais – Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Campinas.

Critelli, M. D. (dezembro - 2002) Martin Heidegger e a essência da técnica. *Margem*, n. 16, pp. 83-89.

Critelli, M. D. (2007). *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica* (2ª ed). São Paulo: EDUC/Brasiliense.

Dantas, J. B.; Sá, R. N. de; Carreteiro, T. C. O. C. (2009). A patologização da angústia no mundo contemporâneo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 61, n. 2, pp. 01-09.

Dantas, J. B. (2011). Corpo e Existência: Outro Modo de Compreensão da Psicossomática. *Interação Psicologia*, v.15, n 1, pp. 71-80.

Delgado, M. J. C. (2007). *O desejo de ter um filho: as vivências do casal infértil*. Dissertação de Mestrado, Centro de Comunicação em Saúde – Universidade Aberta, Lisboa.

Depraz, N. (2007). *Compreender Husserl*. Rio de Janeiro, Vozes.

Duarte, A. (2010). *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária/GEN.

Feijoo, A. M. L. C. de. (2011). *A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e de suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais*. Rio de Janeiro: Edições IFEN: Via Veritas.

Fontana, E. (2007). Hermenêutica clássica versus hermenêutica filosófica: considerações relevantes acerca do processo interpretativo. *In: Anais do Congresso Nacional de Pesquisadores em Direito*. Florianópolis: Fundação Boiteux, pp. 3416-3426.

- Forghieri, Y. C. (1993). *A Fenomenologia e suas relações com a Psicologia: fundamentos, métodos e pesquisa*. São Paulo: Pioneira.
- Gadamer, H. G. (2012). *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (12^a ed). Petrópolis: Vozes.
- Gadamer, H. G. (2011). *O caráter oculto da saúde* (2^a ed). Petrópolis: Vozes.
- Giacoaia, J. O. (2013). *Heidegger urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três estrelas.
- Gonzaguinha. (1997). Um Homem Também Chora. In: *CD Gonzaguinha: Coleção MPB Compositores*. RGE Gravadora. Editora Globo. Faixa 12.
- Heidegger, M. (2009). *Seminários de Zollikon* (2^a ed). Petrópolis: Vozes.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo* (7^a ed). Petrópolis: Vozes.
- Heidegger, M. (1981). *Todos nós... Ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Moraes.
- Heidegger, M. (1959). *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Husserl, E. (1996/2008). *A crise da humanidade Europeia e a filosofia*. (3^a ed., U. Ziles, trad). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Lawn, C. (2010). *Compreender Gadamer*. Petrópolis: Vozes.
- Lisboa, (2008). *Saúde Reprodutiva e Infertilidade. Orientações - Direção Geral da Saúde*. Programa Nacional de Saúde Reprodutiva.
- Lyra, J. (2008). *Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006)*. Tese de Doutorado em Saúde Pública, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães – Fundação Oswaldo Cruz, Recife.

- Macêdo, S. R. (2008). *O significado da vivência do paciente em tratamento de câncer de próstata*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade de Fortaleza/UNIFOR, Fortaleza.
- Maciel Junior, P. de A. (2006). *Tornar-se homem – O projeto masculino na perspectiva de gênero*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC.
- Michelazzo, J. C. (2004). Corpo e tempo. In: Castro, D. S. P. de; Piccino, J. D.; Josgrilberg, R. de S.; Goto, T. A. *Corpo e Existência* (pp. 105-122). São Paulo: Metodista.
- Nascimento, C. L. (2008). A Concepção do Dasein e a Psicossomática em Medard Boss. In: *Anais do I Simpósio de Psicologia Fenomenológica-Existencial* (pp. 79-84). Feijoo, A. M. L. C. de. (org.). Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa.
- Noca, N. J. M. S. (2011). *Produções discursivas sobre saúde e masculinidades em um serviço público de atenção à saúde dos homens*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife.
- Nolasco, S. (1993). *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Pessoa, F. (1982). *Livro do desassossego*. Lisboa, Ática.
- Pompeia, J. A. & Sapienza, B. T. (2011). *Os dois nascimentos do homem: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Ramírez-Gálvez, M. C. (2003). *Novas tecnologias reprodutivas conceptivas: Fabricando a vida, fabricando o futuro*. Tese de Doutorado, Departamento de Ciências Sociais – Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, São Paulo.
- Ribeiro, A. C. (2007). *Adaptação do Inventário de Problemas de Fertilidade para homens e mulheres inférteis*. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia e Educação – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Santos, E. F. dos. (2008). *Corpo: o retrato da cultura: a preocupação com a estética na sociedade contemporânea*. In: *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, Editora UFSC. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST59/erica_Fernandes_dos_Santos_59.pdf
- Schwandt, T. A. (2006). Três posturas epistemológicas para a investigação

qualitativa. In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. (Orgs.) *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens* (pp. 193-217), (2ª ed). Porto Alegre: Artmed.

Silva, E. F. G.; Santos, S. E. B. (2013). Paternidade adotiva: a escolha por uma aproximação de afeto con-sentido. In: Barreto, C. L. B. T.; Morato, H. T. P.; Caldas, M. T. *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica* (pp.391-417). Curitiba: Juruá.

Silverman, D. (2009). *Interpretação de dados qualitativos: Métodos para análise de entrevistas, textos e interações* (3ª ed). Porto Alegre: Artmed.

Torres, K. de A. (2012). *A cegonha não é mais uma ficção: a paternidade no contexto das Novas Tecnologias Reprodutivas Conceptivas*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife.

Trindade, Z. A.; Enumo, S. R. F. (2001). Representações sociais de infertilidade feminina entre mulheres casadas e solteiras. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 2, n. 2, pp. 5-26.

Vattimo, G. (1996). *Introdução a Heidegger*. Porto Alegre: Instituto Piaget.